

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS  
RELAÇÕES POLÍTICAS

CÉSAR HAUEISEN ZIMERER PERPÉTUO

**HISTORIOGRAFIA AMERICANA EM REVISTA: A *AMERICAN  
HISTORICAL REVIEW* (1895 A 1915).**

VITÓRIA  
2017

CÉSAR HAUEISEN ZIMERER PERPÉTUO

**HISTORIOGRAFIA AMERICANA EM REVISTA: A *AMERICAN  
HISTORICAL REVIEW* (1895 A 1915).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Orientador: Dr. Júlio César Bentivoglio

VITÓRIA  
2017

**CÉSAR HAUEISEN ZIMERER PERPÉTUO**

**HISTORIOGRAFIA AMERICANA EM REVISTA: A *AMERICAN HISTORICAL REVIEW* (1895 A 1915).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Aprovada em                      de                      de 2017.

**Comissão examinadora:**

---

Prof. Dr. Julio Cesar Bentivoglio  
*Universidade Federal do Espírito Santo*  
Orientador

---

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
Examinador Externo

---

Prof. Dr. Fábio Franzini  
*Universidade Federal de São Paulo*  
Examinador Externo

---

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira  
*Universidade Federal do Espírito Santo*  
Examinador Interno

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

P453h Perpétuo, César Haueisen Zimerer, 1991-  
Historiografia americana em revista : a *American Historical Review* (1895 a 1915) / César Haueisen Zimerer Perpétuo. – 2017.  
100 f. : il.

Orientador: Júlio César Bentivoglio.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. American Historical Association. 2. Historiografia. 3. Historiografia – Periódicos. 4. Estados Unidos – Historiografia. I. Bentivoglio, Julio César. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

---

*À Priscilla Ylre, por todos esses anos  
ao meu lado.*

## AGRADECIMENTOS

Lembrar de todas as pessoas que participaram dessa caminhada junto comigo é uma tarefa difícil, quase impossível. Estarei sendo injusto com muita gente que deveria estar presente aqui nessa página, mas a memória é algo que falha de vez em quando, peço desculpas.

Em primeiro lugar devo agradecer ao meu orientador e amigo, Julio Bentivoglio, por ter me guiado desde os tempos de graduação, me auxiliando com maestria durante todos os momentos difíceis e arduos da pesquisa. Também devo agradecer aos membros da banca, Arthur Avila e Josemar Machado cujos apontamentos valiosos durante a qualificação me ajudaram a finalizar essa dissertação, e Fábio Franzini, pela disponibilidade e cuidado ao avaliar o meu trabalho

À minha família, agradeço todo o apoio e por simplesmente estarem ao meu lado durante esses anos. Um agradecimento especial a minha mãe, Eloisa, meu pai, Carlos César e meu irmão, Gustavo.

Agradeço aos amigos dos LETHIS que estiveram presente durante os momentos difíceis me ajudando com novas ideias e fomentando debates. Um abraço especial ao Hugo Merlo, Rüsley Biasutti , Thiago Brito, Marcelo Durão e Bruno Cesar Nascimento, cujas conversas foram essenciais para chegar até aqui. Também devo agradecer a amigos de longa data, do tempo do EPP em Teófilo Otoni, pois apesar da distância nossa amizade continua forte. Obrigado Erick Lopes, Italo Caminhas e Thomas Matos.

Um gigantesco obrigado à Sueli Raasch e Celia Lucia por terem me acolhido em sua família. E por fim, devo tudo à Priscilla Ylre, que está ao meu lado desde 2010, participando dos meus momentos de alegria e tristeza. Não estaria aqui sem ela.

**RESUMO:** A *American Historical Review* (AHR) foi criada em 1895 por um pequeno grupo de intelectuais que, motivados pelo surgimento de diversos outros periódicos no século XIX, buscavam criar uma nova plataforma para que todos os historiadores norte-americanos pudessem publicar os seus trabalhos e criar novos laços profissionais com os seus colegas. Na AHR eram publicadas uma série de resenhas, documentos, artigos autorais e outros tipos de comunicados e textos que foram responsáveis por facilitar o debate e o contato entre historiadores e outros intelectuais. Neste trabalho de dissertação, pretendo mostrar como é possível a realização de uma profunda análise sobre a historiografia de uma determinada época a partir do estudo das revistas de história, pegando como exemplo os primeiros vinte anos de existência da *American Historical Review*, compreendendo sua história, conjuntura, e mapeando os artigos autorais publicados na mesma para encontrar um padrão de principais recortes, temáticas e objetos de estudo que possam nos mostrar qual era a fisionomia da AHR naquela época.

**Palavras-chave:** *American Historical Review*; *American Historical Association*; Historiografia; Estados Unidos.

---

**ABSTRACT:** The *American Historical Review* (AHR) was created in 1895 by a small group of intellectuals who, motivated by the emergence of several other periodicals in the XIX century, sought to create a new platform for all American historians to publish their Works and create new professional ties with their colleagues. In the AHR were published a series of reviews, documents, articles and other types of communications and texts that were responsible for facilitating the debate and the contact between historians and other intellectuals. In this dissertation, I intend to show how it is possible to carry out a deep analysis of the historiography of a certain period from the study of historical periodicals, taking as an example the first twenty years of existence of the *American Historical Review*, including its history, conjuncture and mapping the published articles to find a pattern of key clippings, themes and objects of study that can show us the physiognomy of the AHR at that time.

**Keywords:** *American Historical Review*; *American Historical Association*; Historiography; United States of America.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo I - Institucionalização e Historiografia Americana</b> .....	15
O século XIX e o início das mudanças .....	17
A historiografia americana e a influência alemã.....	21
Hebert Baxter Adams, e a criação da <i>American Historical Association</i> .....	30
<b>Capítulo II: Superespecialização, autocensura e criação da <i>American Historical Review</i></b> .....	43
Autocensura como motivo para criação da <i>American Historical Review</i> .....	49
A reforma da <i>American Historical Review</i> e a Primeira Guerra Mundial.....	57
<b>Capítulo III – Mapeamento e Perfil da AHR</b> .....	64
Composição geral da revista.....	66
Analisando os artigos autorais da AHR.....	74
Principais autores e suas publicações.....	85
<b>Considerações Finais</b> .....	91
<b>Referências</b> .....	94
Fontes impressas.....	94
Obras de referência sobre a AHA e AHR.....	94
Demais referências bibliográficas.....	95



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1. Hebert Baxter Adams, primeiro secretário da AHA.....	32
Figura 2. Fundação da AHA. Setembro/1884.....	33
Figura 3. J. Franklin Jameson, primeiro editor da AHR.....	45
Figura 4. Primeira página do primeiro número da AHR.....	47
Figura 5. Carta de aprovação de 1889 do Secretário do Instituto Smithsonian ao Congresso.....	50

## LISTA DE GRÁFICOS

### Gráficos

Gráfico 1. Composição geral da <i>American Historical Review</i> .....	66
Gráfico 2. Recorte espacial mais utilizado.....	74
Gráfico 3. Países mais contemplados.....	77
Gráfico 4. Campos da História mais visitados.....	79
Gráfico 5. Áreas mais investigadas.....	81
Gráfico 6. Temáticas mais visitadas.....	83
Gráfico 7. Autores que mais publicaram.....	85
Gráfico 8. Número de publicações por autor.....	88

## INTRODUÇÃO

A ideia para essa dissertação nasceu ainda na minha graduação em meados de 2011. Na época eu havia me interessado pela área de historiografia e iniciei minha pesquisa através da iniciação científica. Além do gosto pessoal, minha intenção era de pesquisar algo que conferisse alguma contribuição para os interessados em história aqui no Brasil, sobre algo que não se via com frequência ou que a maioria dos historiadores brasileiros não tivesse contato. Portanto, decidi debruçar-me sobre a historiografia americana, um tema ainda pouco explorado em nosso país. Tal decisão trouxe alguns obstáculos que permanecem ainda hoje, como a falta de obras traduzidas para o português, mas, foram justamente dificuldades como essa que me motivaram a concluir o meu trabalho, pois, se temos pouca coisa sobre a história americana traduzida, que contribuição melhor eu poderia dar do que facilitar o acesso a essa historiografia para muitos brasileiros que não falam a língua? Com esse anseio em mente, iniciei esta pesquisa sobre o maior periódico acadêmico de história que já existiu nos Estados Unidos e talvez no mundo: a *American Historical Review* (AHR).

A AHR, foi criada em 1895 por um pequeno grupo de intelectuais que, motivados pelo surgimento de diversos outros periódicos no século XIX, visavam criar uma nova plataforma para que todos os historiadores e intelectuais norte-americanos pudessem publicar os seus trabalhos e criar novos laços profissionais com os seus colegas. Na revista eram publicadas uma série de resenhas, documentos, artigos autorais e outros tipos de comunicados e textos que foram responsáveis por facilitar o debate e o contato entre historiadores e outros intelectuais que estavam espalhados pelo extenso território norte-americano.

Nesta dissertação, pretendo mostrar como é possível a realização de uma profunda análise sobre a historiografia de uma determinada época a partir do estudo das revistas de história. Pois, como afirma Julio Bentivoglio,

as revistas acompanham de forma decisiva o processo de institucionalização da História e tem disseminado rizomaticamente

abordagens, temáticas e problemas que acompanham as transformações vividas pela escrita da história. A quantificação, comparação e a análise de seu conteúdo permitiria constituir um mapa instigante dos caminhos da historiografia na era contemporânea. [...] A revista coroa o processo de institucionalização da história como um campo científico, ao lado da criação das cadeiras universitárias, das coleções e publicações de documentos, do surgimento dos cursos e seminários.<sup>1</sup>

O século XIX e início do XX vê nas revistas a formação da principal plataforma de publicação e divulgação do trabalho do historiador. A revista de história formalizou um local onde pesquisadores poderiam publicar e debater sobre os seus trabalhos, além de ter acesso a toda uma gama de informações e documentos que anteriormente eram de difícil acesso. No caso da *American Historical Review*, os historiadores americanos viram nela uma opção de peso para um outro periódico que havia se formalizado a alguns anos antes, os *Annual Reports* da *American Historical Association* (AHA). Tal relatório, além de cuidar da divulgação e publicação das atas das reuniões anuais da associação, permaneceu durante muitos anos como uma das únicas plataformas em que os historiadores estadunidenses podiam enviar os seus trabalhos, porém, a criação de um periódico mais completo, responsável por não só publicar os artigos autorais, mas também, resenhas, documentos e outros tipos de estudos era um grande anseio dos intelectuais da época, anseio esse que fora coroado no ano de 1895 com a criação da AHR.

A AHR reflete as características e pensamentos dos historiadores americanos da época, como a ideia de alcançar uma história científica, o início de um processo de superespecialização do trabalho histórico e a vontade de manter fortes relações entre as profissões de historiador e o mundo da política. Além disso, podemos observar claramente uma preferência por determinadas áreas de estudo e recortes temporais, mas ainda assim, a existência de uma incrível variedade de temas nos permitiu concluir que a AHR foi extremamente

---

<sup>1</sup> BENTIVOGLIO, Julio. **Historical Reviews and the History of Historiography in the Nineteenth and Twentieth Centuries**. Ouro Preto: 2nd INTH Conference, 2016 (Comunicação Oral).

generalista, no sentido de permitir qualquer tipo de trabalho a ser publicado, desde que o mesmo tivesse alcançado um nível de qualidade aceitável pelos editores, é claro. Tais conclusões só seriam possíveis a partir de uma profunda análise dos primeiros anos de vida da revista.

Sendo assim, pretendo nesta dissertação analisar os primeiros vinte anos de existência da *American Historical Review*, compreendendo sua história, conjuntura, e mapeando os artigos autorais publicados na mesma para encontrar um padrão de principais recortes, temáticas e objetos de estudo que possam nos mostrar qual era a fisionomia da AHR naquela época. Porém, antes de iniciar o mapeamento, acredito ser imprescindível que tenhamos conhecimento da história da revista e das outras instituições que levaram à sua criação, pois, jamais conseguiríamos compreendê-la completamente sem possuir um conhecimento íntimo do seu passado.

Começaremos então com um primeiro capítulo cujo objetivo é o de discutir um pouco sobre a história da criação da *American Historical Association*, instituição que foi imprescindível para a criação da revista e para o desenvolvimento da historiografia americana ainda no século XIX. A associação foi responsável por criar praticamente toda a base de relações e comunicações entre os historiadores da época, organizando reuniões, angariando documentos e financiando publicações. Além disso, neste primeiro capítulo pretendo contextualizar o debate e apresentar ao leitor às principais personalidades responsáveis pela criação das instituições que permitiram esse desenvolvimento da historiografia americana.

No segundo capítulo, busco dar continuidade às discussões iniciadas no capítulo um e aprofundo o debate a respeito da superespecialização da historiografia americana e a autocensura provocada por uma fiscalização governamental na AHA, dois dos aspectos que considero importantíssimos para entender o *porquê* e o *como* da revista americana de história ter sido criada. Além disso, neste capítulo também discutiremos um pouco sobre a vida e atuação de John Franklin Jameson na revista, tendo em vista que o mesmo além de ter sido um dos presidentes da AHA foi editor chefe da AHR durante a

maior parte desses primeiros vinte anos que serão analisados nessa dissertação.

Por fim, no capítulo três, o objetivo pretendido foi discutir a historiografia norte-americana no contexto recortado para esse estudo a partir do referido periódico. Para isso, foi feito um mapeamento dos primeiros vinte anos da AHR buscando identificar o número de artigos autorais, resenhas, documentos, notícias, etc. Após a quantificação inicial, o objetivo foi analisar cada artigo autoral separadamente para encontrar padrões nos temas, recortes temporais e espaciais prediletos, e autores que mais publicaram. Analisar os artigos autorais dessa forma nos permitiu identificar aspectos muito particulares da revista, como por exemplo a presença de minorias, a relação dos historiadores americanos com estrangeiros, as formas como eles escreviam e quais tipos de debates eram criados a partir de suas publicações. Todos esses dados foram organizados em tabelas para facilitar a sua visualização.

Ao final da dissertação, meu objetivo principal é o de fazer com que o leitor tenha conseguido perceber três questões fundamentais: a história e a conjuntura da criação da revista e das instituições que cresceram ao seu lado, as suas principais características a partir do mapeamento da mesma e como o estudo de um periódico pode nos permitir entender o perfil de toda uma historiografia de uma determinada época.

## CAPÍTULO I: INSTITUCIONALIZAÇÃO E HISTORIOGRAFIA AMERICANA

O século XIX para os Estados Unidos, foi um período de profundas transformações sociais e econômicas frutos de um intenso processo de mudanças que nasceu a partir da Revolução Americana em 1776. A revolução, causada, principalmente, por um litígio sobre a tributação no império britânico<sup>2</sup> escalou em um conflito que deu luz a uma nova nação, os EUA. Durante a primeira metade do século XIX, o país sofreu com sua maior crise, quando a separação entre sociedades escravistas e não-escravistas o romperam completamente, fazendo surgir uma nova América a partir da guerra civil, com a escravidão abolida e o significado de liberdade modificado para todos os americanos. A segunda metade do século XIX foi marcada por profundas mudanças sociais e econômicas que afetaram todos os aspectos da vida dos americanos. Ainda em 1900 o país já havia emergido como a maior potência industrial do mundo e, graças aos conflitos da guerra Hispano-americana de 1898, dono de um pequeno império ultramarino. Como nos diz Eric Foner, “Entre a guerra civil americana e o início do século XX, os Estados Unidos passaram por uma das mais profundas revoluções econômicas que qualquer país tenha passado até então”<sup>3</sup>. O autor ainda completa:

A rápida expansão da produção fabril, mineração, e construção de estradas de ferro em todas as partes do país exceto no Sul sinalizou a transição da América de Lincoln – um mundo centrado nas pequenas fazendas e oficinas artesanais – para uma madura sociedade industrial. Americanos do final do século dezenove maravilharam-se com o triunfo da nova economia. “É difícil de acreditar,” escreveu o filósofo John Dewey, “que houve uma revolução tão rápida na história, tão extensiva, tão completa.”<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Para uma leitura mais profunda da Revolução Americana ver BLANCO, Richard L.; SANBORN, Paul J. **The American Revolution, 1775–1783: An Encyclopedia**. New York: Garland Publishing Inc. 1993.

<sup>3</sup> FONER, Eric. **Give Me Liberty! An American History**. New York: W. W. Norton & Company, 2010. p. 633.

<sup>4</sup> Idem, p.634. Tradução livre: The rapid expansion of factory production, mining, and railroad construction in all parts of the country except the South signaled the transition from Lincoln's America — a world centered on the small farm and artisan workshop — to a mature industrial society. Americans of the late nineteenth century marveled

Até o fim da Guerra Civil americana, a maioria dos trabalhadores ainda era ligado ao campo, apesar de um pequeno desenvolvimento da indústria têxtil na região de New England. A partir de 1880 essa realidade mudou, o *Census Bureau*, responsável pelo censo econômico dos EUA, já registrava que a maior parte da força de trabalho se concentrava em profissões não ligadas ao campo. Até 1913 os Estados Unidos viriam a produzir um terço de toda a produção industrial do mundo.

Talvez, nenhum território norte-americano tenha se transformado tanto quanto o Oeste do Mississipi. No seu brilhante *The Significance of the Frontier in American History*<sup>5</sup>, Frederick Jackson Turner ressalta a importância do avanço da fronteira no oeste dos EUA para a criação e desenvolvimento do que hoje são consideradas as qualidades que formam o cidadão estadunidense, como a noção de liberdade individual e mobilidade econômica. O Oeste dos EUA foi o palco de intensos conflitos com as populações nativas, mas se tornou uma das principais regiões voltadas para a agricultura e pecuária, tendo em vista que a expansão da industrialização tinha alterado bastante o panorama anterior dos EUA, como já dito.

A presença de um vasto número de estradas de ferro fez com que a circulação de pessoas e principalmente de mercadorias aumentasse consideravelmente, o que, por si só, já era um fenômeno capaz de revolucionar a vida dos cidadãos norte-americanos, que agora teriam não só facilidade de compra e venda de produtos (o que afetou drasticamente a economia do país), mas também poderiam se locomover com facilidade, o que contribuiu para a expansão da cultura e comunicação entre os seus habitantes. Entretanto, o rápido crescimento da economia viu o aumento do acúmulo de riquezas, o que inevitavelmente causou o crescimento da desigualdade social e fez com que “divisões de classe ficassem cada vez mais visíveis”<sup>6</sup>. Até 1890 a divisão de riquezas nos EUA era tão precária que os mais ricos do país (que compunham

---

at the triumph of the new economy. “One can hardly believe,” wrote the philosopher John Dewey, “there has been a revolution in history so rapid, so extensive, so complete.”

<sup>5</sup> TURNER, Frederick Jackson. **The Significance of the Frontier in American History**. Artigo lido na reunião da *American Historical Association* em Chicago, 12 de julho de 1893. Acesso da versão digital em: <http://nationalhumanitiescenter.org/pds/gilded/empire/text1/turner.pdf>.

<sup>6</sup> FONER, op. cit., p.642.



apenas 1% da população) tinham o mesmo total de renda que metade de todo o território americano e possuíam mais terras e propriedades que o restante.

No campo das ideias, o pensamento de muitos cidadãos norte-americanos era um reflexo do que vinha acontecendo na Europa desde o avanço dos pensamentos iluministas ainda no século XVIII. A ideia da razão como ferramenta mais importante e do emprego de um método científico de lidar com o saber, pairava por praticamente todos os campos do conhecimento, e inevitavelmente alcançou a História. Os historiadores estadunidenses foram profundamente influenciados pelo pensamento europeu, principalmente aquele vindo da Alemanha, França e Inglaterra.

É nesse contexto de profundas mudanças na realidade social e urbana causados, principalmente, por uma intensa transformação da economia, que se encontra a criação da *American Historical Association* e da *American Historical Review*, que viriam a ser, talvez, as principais precursoras das dramáticas alterações que ocorreram na historiografia americana desta época. Neste capítulo, pretendo discutir como se deu a criação da associação e quais foram as principais motivações para tal.

### **O Século XIX e o início das mudanças.**

As primeiras revistas que serviam exclusivamente para publicação de trabalhos de História datam ainda do século XVIII, mas naquela época as publicações não eram feitas por historiadores formados ou filiados a qualquer Universidade ou instituição de ensino formal. As revistas eram criadas e administradas por aqueles que tinham o interesse na área e que, em geral, possuíam o acesso à informação. Foi apenas no século XIX, mais precisamente no ano de 1859, que a primeira revista de história criada e administrada por historiadores foi fundada, a alemã *Historische Zeitschrift* (HZ), que permanece sendo publicada ainda nos dias de hoje. O principal responsável pela criação da revista fora

Heinrich von Sybel, famoso historiador alemão que estudou na Universidade de Berlim e fora um dos mais distintos pupilos de Leopold von Ranke<sup>7</sup>.

A criação da HZ veio em um momento oportuno de avanço da historiografia alemã<sup>8</sup> onde diversos historiadores sentiam a falta de um local apropriado para publicar os seus trabalhos, era como uma resposta a um longo corpo de profissionais que sentiam estar desperdiçando o seu tempo, escrevendo para periódicos que exigiam trabalhos altamente abrangentes, para atingir ao máximo de pessoas possível, ou periódicos que eram pequenos demais para que os trabalhos publicados tivessem qualquer impacto substancial na sociedade alemã, algo que era uma preocupação real para os historiadores da época:

A concepção original da HZ era a de uma dedicação a dois propósitos principais: acadêmico, ou a expansão e avaliação do conhecimento histórico existente; e político, ou sua aplicação para os problemas da sociedade. Os historiadores alemães do século XIX não achavam nada de inconsistente em combinar esses dois propósitos em um só periódico, pois consideravam eles inextricavelmente interligados. O relacionamento entre esses dois elementos continuaria a ser um importante tema no desenvolvimento futuro da HZ, assim como a própria forma de pensar dos historiadores alemães. A evolução da HZ é parte da evolução da própria historiografia alemã.<sup>9</sup>

É importante que nós possamos perceber as diferenças, entre periódicos diversos que já existiam muito antes da criação da HZ, e periódicos

---

<sup>7</sup> A influência de Leopold Von Ranke no final do século XIX pode ser notada em diversos trabalhos da época em que seu nome era invocado como inspiração para os historiadores da virada do século. Ver mais em TURNER, Frederick Jackson. **O Significado da História**. In: AVILA, Arthur Lima de. E da Fronteira veio um Pioneiro: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner (1861 - 1932). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006. p. 159 - 174; KRIEGER, Leonard. **Ranke: The Meaning of History**. Chicago, 1977. p. 361.

<sup>8</sup> STIEG, Margaret F. **The Origin and Development of Scholarly Historical Periodicals**. Alabama: The University of Alabama Press, 1986. p. 20 – 38.

<sup>9</sup> Idem, p. 5. Tradução livre: “The original conception of the HZ encompassed a dedication to two purposes: academic, or the expansion and evaluation of history’s knowledge base; and political, or its application to the problems of society. German historians of the nineteenth century found nothing inconsistent in combining the two in one journal, for they were inextricably interwoven in their thinking. The relationship of these two elements is a continuing theme in the later development of the HZ as it was in German historical thinking. The evolution of the HZ is part of the evolution of German historiography.”

especializados que foram criados e eram administrados por historiadores. Os periódicos anteriores à HZ tinham uma preocupação direta em atender a públicos específicos, geralmente ligados a história daquele grupo, sua etnia, religião e cultura, o que levava aos historiadores a serem obrigados a publicar trabalhos sobre a história de determinado local, ou escrever de uma determinada forma que era atraente para o público alvo. O surgimento da HZ veio para dar um fim a esses problemas, ela tinha um compromisso direto em permitir aos historiadores escreverem sobre os mais diversos assuntos, e a preocupação política da revista não era relacionada a interesses pessoais ou de regiões específicas, a HZ apenas acreditava na capacidade que os trabalhos históricos possuíam em influenciar o curso da história alemã.

Assim sendo, a HZ surgiu com grande apoio e participação dos historiadores alemães, sendo um sucesso que cresceu e permanece vivo até hoje. Este sucesso, é claro, não passou despercebido para a grande maioria dos historiadores ao redor do mundo, muitos deles inclusive já eram profundamente influenciados pela historiografia alemã e pelos trabalhos que lá eram publicados.<sup>10</sup> Era apenas uma questão de tempo até que em outros países, periódicos próprios também fossem surgindo, permitindo que as suas demandas historiográficas fossem sendo cumpridas mais eficientemente.

Depois da criação da HZ foi a vez da Francesa *Revue Historique* (RH) em 1876 seguida pela inglesa *English Historical Review* (EHR) em 1886. Ambas as revistas demonstraram grandes similaridades com a HZ, principalmente pela forte influência da historiografia alemã no trabalho de seus criadores. Diferenças existiam e eram reflexos das necessidades particulares de cada país de origem, mas tais diferenças eram pequenas perante a evidente inspiração que as revistas subsequentes tiraram da revista alemã<sup>11</sup>. Cada um

---

<sup>10</sup> Para uma leitura mais aprofundada sobre a influência alemã na historiografia norte-americana ver: HERBST, Jurgen. **The German Historical School in American Scholarship: A Study in the Transfer of Culture**. Ithica, New York: Cornell University Press, 1965.

<sup>11</sup> Recomendo a leitura de uma dissertação e uma tese, para perceber mais claramente a influência da HZ nas revistas que surgiram depois dela ao redor do mundo. LOPES, Hober Alves. **A Formação do campo filosófico e histórico no final do século XIX e a historiografia filosófica: Mind Review (1883-1922)**. Goiânia, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS, Universidade Federal de Goiás. e MELLO, Ricardo M. **Tendências historiográficas na Revista Brasileira de História**,

desses periódicos viria a influenciar enormemente o trabalho de todos os historiadores de seu país, e conseqüentemente da historiografia como um todo. As mudanças são notáveis e podem ser percebidas desde a quantidade e qualidade dos trabalhos produzidos até em âmbitos institucionais como as mudanças nas escolas e faculdades.

É incontestável o importante papel que cada um desses periódicos nascidos no século XIX tiveram para a historiografia de seus respectivos países, e a *American Historical Review* criada em 1894, não podendo ser diferente, foi de suma importância para a consolidação do trabalho do historiador estadunidense. A revista contribuiu para o aumento da quantidade e qualidade das publicações, criou um mecanismo de comunicação entre os trabalhos dos historiadores e permitiu diversas mudanças de extrema importância para o cenário historiográfico dos EUA naquela época.

Antes do surgimento da revista, entretanto, outra importante instituição já havia surgido nos Estados Unidos, e foi ela que deu início ao grande processo de mudanças que viria a ocorrer na época: a criação da *American Historical Association* (AHA), em 1884, iria modificar para sempre todo o cenário historiográfico e profissional dos Estados Unidos.

Essa talvez seja a principal diferença da AHR em relação às outras revistas que surgiram no século XIX, a relação direta e íntima com uma associação de historiadores. Tanto a HZ quanto a RH foram idealizadas e fundadas basicamente sobre a figura de indivíduos (Heinrich von Sybel e Gabriel Monod, respectivamente) e quanto à revista inglesa, apesar de ter sua fundação realizada por um grupo de historiadores, eles nunca foram uma instituição formalizada e com outros objetivos além da formação do periódico<sup>12</sup>. Na minha concepção, o fato da AHR ser diretamente ligada à associação americana de história, transforma a revista em uma vitrine de tudo aquilo que a AHA representava e defendia. Tudo que seria publicado ou modificado na revista

---

**1981-2000.** Brasília, 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS, Universidade de Brasília.

<sup>12</sup> Um dos principais nomes entre os fundadores é o de Lord Acton. A revista fora inspirada pelo sucesso da HZ e nasceu principalmente como um meio de publicação para historiadores com ideias que divergiam do modo como, majoritariamente, a história estava sendo escrita na Inglaterra naquela época.

deveria antes passar pelos olhos da associação que era composta pela maioria dos historiadores estadunidenses da época. Além disso, como a associação tinha grandes poderes políticos, conseguindo autoridade o suficiente para influenciar diversas decisões de como o ensino de História seria dado nas universidades e escolas de nível básico<sup>13</sup>, por exemplo, a revista acabava por se tornar a principal plataforma de debates de comunicações de várias decisões tomadas pela associação.

Essa relação estreita entre a *American Historical Review* e a *American Historical Association* é o que torna indispensável um estudo inicial sobre a história da historiografia americana e, conseqüentemente, sobre a história da AHA. Para isso, temos que partir de um momento no qual a historiografia americana ainda era dominada por amadores e entusiastas, pessoas que não possuíam nenhuma formação especializada de historiador, mas eram aqueles que se interessavam e tinham condições de acesso à informação (acesso à documentação e condição financeira para participar de eventos, por exemplo). Esses amadores foram os primeiros nomes da historiografia americana, porém viriam a ser os primeiros alvos das grandes mudanças que o surgimento da AHA viria a realizar nos Estados Unidos.

### **A historiografia americana e a influência alemã**

Em seu livro *History and Historians in the Nineteenth Century*<sup>14</sup>, George Peabody Gooch diz que a historiografia americana teria surgido com Jared Sparks<sup>15</sup>, onde este iniciou diversos estudos sobre os escritos de Washington que resultaram na criação de doze volumes que nasceram entre 1834 e 1838. Sparks foi um importante historiador americano, tendo se graduado na Universidade de Harvard (na época ainda chamada de *Harvard College*) em

---

<sup>13</sup> Essa influência decaiu com o tempo, mas até a década de 1930, aproximadamente, era muito forte e garantida principalmente pela presença de vários comitês criados com o objetivo de fiscalizar e estabelecer diretrizes para o ensino de história no país. Iremos falar mais sobre isso adiante.

<sup>14</sup> GOOCH, George P. **History and Historians in the Nineteenth Century**. New York: Longmans, Green, 1913.

<sup>15</sup> ADAMS, Henry Baxter. **The Life and Writings of Jared Sparks**, 2 Vols. Houghton: Mifflin and Company, 1893.

1815 onde, posteriormente, veio a se tornar o presidente entre os anos de 1849 e 1853.

O cenário historiográfico americano até meados de 1880 era composto majoritariamente por amadores, entusiastas, ou professores de história que possuíam apenas a graduação. Porém este era um estado que estava começando a mudar com a ida de dezenas de americanos para a Europa (Alemanha, França e Inglaterra majoritariamente) com o intuito de estudar e se especializar como profissionais da área. Como explica Antoine Prost<sup>16</sup>, a profissão de historiador aparece na Europa ainda nessa época, construindo-se a partir de uma conjunção de um empreendimento de *cientificização* da história, influenciado pelo exemplo do que ocorria na Alemanha. O território alemão era o principal destino dos americanos devido à facilidade de acesso (estimasse que pagar uma passagem e passar alguns anos na Alemanha estudando, custaria ¼ do preço de se estudar nos EUA<sup>17</sup>) e à valorização dos profissionais da área que chegavam a receber altos salários dependendo do local onde lecionavam. Entretanto, a Alemanha não era o único destino, havia uma conexão clara entre os historiadores americanos e europeus, o que pode ser constatado, como nos explica Eileen Ka-May Cheng, pelas trocas de correspondência entre muitos deles, como por exemplo Jared Sparks e James Mackintosh ou Edward Everett e Thomas Macaulay. A historiadora ainda completa:

Como resultado dessas conexões, a escrita da história na América revelou possuir similaridades importantes com a historiografia britânica e da Europa-continental nesse período. Mais importante, nos dois lados do Atlântico, o status da história como uma profissão independente estava em transição durante o início do século XIX.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008. Pp. 33-36.

<sup>17</sup> IGGERS, George. **The Image of Ranke in American and German Historical Thought**. History and Theory 2 (1):17-40 (1963).

<sup>18</sup> CHENG, Eileen K. **The Plain and noble garb of truth: nationalism and impartiality in American historical writing, 1784-1860**. Georgia: The University of Georgia Press, 2008. p. 24. Tradução livre: "As a result of these connections, American historical writing revealed important similarities to British and continental European historiography in this period. Most importante, on both sides of the Atlantic, the status of history as na independente profession was in transition during the early nineteenth century."

A conexão entre historiadores americanos e europeus viria a formar o que Cheng chamou de uma “Comunidade Acadêmica”, fazendo nascer um sentimento de identidade entre seus membros, mas, ao mesmo tempo, mantendo rivalidades regionais e políticas.

Historiadores americanos formaram a sua própria comunidade dentro dessa rede transatlântica de historiadores, e as conexões que eles estabeleceram entre um e outro ao mesmo tempo refletiram e contribuíram para a condição transitória da história como uma disciplina independente no início do século XIX(...). Eles frequentemente compartilhavam suas ideias ou trabalhos uns com os outros e expressavam suas ansiedades a respeito do próprio trabalho, recebendo, ao mesmo tempo, encorajamento e crítica em troca.<sup>19</sup>

A primeira tentativa de se escrever uma história dos Estados Unidos completa veio apenas com George Bancroft<sup>20</sup> que se graduou em Harvard e viveu na Europa por algum tempo, sofrendo influência de nomes como Hegel e Goethe e se tornando o primeiro americano da história a conquistar o título de doutorado na Alemanha. Bancroft escrevia de forma romântica, acreditando que os Estados Unidos eram uma sociedade escolhida por Deus e que as colônias possuíam ideais de liberdade desde o seu início. Escreveu uma história da América cujo primeiro volume surgiu, também, em 1834. Bancroft ainda hoje é considerado por muitos como “o pai” da historiografia americana, principalmente por estar envolvido com praticamente todos os principais debates e movimentos históricos da época, sendo um dos membros fundadores da *American Historical Association* e tendo influenciado muitos intelectuais do seu tempo.

---

<sup>19</sup> Ibid., p. 30. Tradução livre: “American historians also formed their own community within this transatlantic network of historians, and the connections that they established with one another both reflected and contributed to the transitional status of history as an independent discipline in the early nineteenth century(...). They often shared their ideas or writing with one another and expressed anxieties about their own work, receiving both encouragement and criticism in return.”

<sup>20</sup> HOWE, M. A. De Wolfe; STRIPPEL, Henry C. **Life and Letters of George Bancroft**, 2 Vols. New York: Scribner's Sons, 1908.

Porém, mesmo possuindo tamanha importância, o “estilo de escrita”<sup>21</sup> e a forma como Bancroft expunha seus trabalhos começara a ser criticada e a cair em desuso para dar lugar a outros métodos de escrever e trabalhar com a história. Essas críticas coincidiam com a crescente visão de história como ciência, o que tornava Bancroft um grande alvo para os historiadores que seguiam essa tendência e que viam nele algo ultrapassado<sup>22</sup>.

Os historiadores americanos do final do século XIX que estudaram na Alemanha, e por tal motivo, voltavam a sua terra sob influência dos estudos históricos alemães, acreditavam que o método de pesquisa e escrita da história ao qual eles deveriam seguir era aquele modelo de história como ciência que os alemães vinham defendendo desde os trabalhos de Leopold von Ranke e que acabaram por influenciar dezenas de intelectuais que foram para a Europa estudar. Sobre esse método científico adotado pelos americanos a partir da influência alemã, Peter Novick ressalta:

Esse, então, era o modelo de método científico ao qual, a princípio, os historiadores adotaram. A ciência deve ser rigidamente factual e empírica, abandonando hipóteses; o empreendimento científico foi escrupulosamente neutro em importantes questões de sentido; e, se procurado sistematicamente, pode finalmente produzir uma compreensível, “definitiva” história. Era sob a luz dessa concepção de *wissenschaftliche Objektivität* que eles se diziam seguidores leais a Ranke.<sup>23</sup>

Outro brilhante historiador americano, Ian Tyrrel, também nos mostra como funcionava a prática histórica desses “historiadores científicos”:

---

<sup>21</sup> NOVICK, Peter. **That Noble Dream: The “Objectivity Question” and the American Historical Profession**. Nova York: Cambridge University Press, 2005. p. 44.

<sup>22</sup> CHENG, op. cit., p. 13.

<sup>23</sup> NOVICK, op. cit., p. 37. Tradução livre: “This, then, was the model of scientific method which, in principle, the historians embraced. Science must be rigidly factual and empirical, shunning hypothesis; the scientific venture was scrupulously neutral on larger questions of end and meaning; and, if systematically pursued, it might ultimately produce a comprehensive, “definitive” history. It was in the light of this conception of *wissenschaftliche Objektivität* that they regarded themselves as loyal followers of Ranke.” É preciso ressaltar, entretanto que diversos autores da atualidade discutem se essa interpretação que os americanos tinham de Ranke era correta ou não, o próprio Peter Novick discute isso em seu livro. Porém, se a interpretação deles era correta ou não, pouco nos interessa, já que mesmo se a visão deles estivesse errada, foi o erro que usaram para formar todo o seu pensamento da época.



Derivado, em última instância, da academia alemã, mas modificado por uma forte dose de empiricismo anglo-americano, a prática dos historiadores científicos era baseada nos fatos objetivos, na análise minuciosa de documentos, no tratamento da história como ciência em busca de leis evolucionistas, e na produção de monografias e trabalhos acadêmicos para alcançar esses objetivos.<sup>24</sup>

A busca pela profissionalização, especialização e aproximação com métodos científicos, entretanto, não era um fenômeno único entre os historiadores. O século XIX fora marcado por diversos movimentos intelectuais e artísticos voltados para um ponto de vista científico. Grandes nomes da literatura europeia como Gustave Flaubert e Emile Zola já diziam que o “escritor é nada além de um contador de histórias, proibido de julgar e concluir. O seu estrito papel é o de expor os fatos.”<sup>25</sup> A influência da ciência em cada área de conhecimento era cada vez mais evidente e as mudanças de um modelo mais “romantizado” de se escrever história e literatura para algo mais “realista e objetivo”<sup>26</sup> se tornava cada vez mais próximo da realidade.

Tais mudanças na forma de pensar dos intelectuais do final do século XIX começaram a causar fenômenos transformadores em diversas áreas da literatura, artes, jornalismo e, é claro, história. A procura constante pela *autoridade da ciência*<sup>27</sup> fez cada uma delas se separar em busca de maior autonomia e um método próprio que as permitisse enfatizar a importância aos fatos e à imparcialidade, cabia ao historiador apenas apresentar a verdade como ela é mostrada, e nada além disso.

---

<sup>24</sup> TYRRELL, Ian R. **Historians in public: the practice of American history, 1890-1970.** Chicago: The University of Chicago Press, 2005. Pp. 25. Tradução livre: “Derived ultimately from German scholarship but modified by a Strong dose of anglo-American empiricism, Scientific historians practice was based on objective facts, close analysis of documents, the treatment of history as a science in search of evolutionary laws, and the production of monographs and scholarly journals to achieve theses aims.”

<sup>25</sup> ZOLA, Emile. **The Experimental Novel.** New York, 1894. p. 123-125. Esta obra é considerada por muitos como um manifesto literário do movimento conhecido como naturalismo. Zola foi bastante influenciado por suas leituras sobre a teoria evolucionista de Charles Darwin o que refletia em seus trabalhos. O naturalismo é marcado, principalmente, pelo determinismo e pela ideia de que a natureza define o destino dos personagens.

<sup>26</sup> NOVICK, op. cit., p. 35-48.

<sup>27</sup> HASKELL, Thomas L. **The Emergence of Professional Social Science: The American Social Science Association and the Nineteenth-Century Crisis of Authority.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

Nesse momento, começaram fortes discussões a respeito da profissionalização do trabalho do historiador americano. Eles rapidamente perceberam que se o objetivo agora era buscar essa autoridade científica, o primeiro passo era tentar consolidar o trabalho do historiador, preparando-o, especializando-o, exigindo maior rigor metodológico e conhecimento histórico. Era o começo de um extenso processo de profissionalização que o historiador Peter Novick discute no seu livro *That Noble Dream: The "Objectivity Question" and the American Historical Profession*.

Nesta obra, Novick mostra como essa mudança de mentalidade dos historiadores americanos do século XIX, partindo da objetividade científica galgada pelos mesmos após influências alemãs, os levou a realizar uma série de mudanças no cenário historiográfico estadunidense que levaram à criação da AHA e da AHR antes da virada do século.

A imagem usual que se faz da profissionalização da história é a de uma veloz e dramática transformação, rapidamente se aproximando da lista comum de critérios de uma profissão: aparato institucional (uma associação, um jornal estabelecido), treinamento padronizado em habilidades específicas que leva à certificação e acesso controlado às práticas, status elevado, autonomia. Em apenas uma geração de graduados nos programas que seguiam o modelo germânico que fora estabelecido em várias universidades; a *American Historical Association* foi formada, seguida brevemente pela *American Historical Review*; até 1900 o título de PhD se tornou pré-requisito para dar aula nas principais faculdades do país, e as universidades americanas formaram duzentos novos doutores na área de história.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> NOVICK, op. cit., p.47. Tradução livre: The usual picture of the professionalization of history is one of a speedy and dramatic transformation, rapidly approaching the common list of criteria of a profession: institutional apparatus (an association, a learned journal), standardized training in esoteric skills, leading to certification and controlled access to practice, heightened status, autonomy. Within a single generation graduate programs on the German model were established at several universities; the American Historical Association was formed, followed shortly by the American Historical Review; by 1900 the Ph.D. degree was a prerequisite for a professorial appointment at respectable colleges, and American universities had turned out more than two hundred doctorates in history.

Entretanto, o rápido avanço em direção à profissionalização veio às custas da qualidade de seus profissionais. Muitos dos novos doutores que estavam sendo formados não eram bem preparados e não chegavam perto do brilhantismo que os seus antecessores apresentaram ao longo dos anos. Havia acontecido um sacrifício da qualidade pela quantidade. Em cartas direcionadas a Henry Baxter Adams, um dos mais importantes historiadores americanos da época, J. Franklin Jameson, constantemente demonstrava a preocupação dele com a geração de profissionais que estava sendo formada:

Eu luto na tentativa de fazer tijolos sem muita ideia de como os arquitetos irão usa-los, mas acreditando que o melhor arquiteto que já existiu não pode fazer nada sem eles, e por isso tento fazer os melhores tijolos possíveis.<sup>29</sup>

Peter Novick Completa:

J. Franklin Jameson, como fundador e por muito tempo editor da *American Historical Review*, foi talvez a melhor pessoa na profissão para avaliar o trabalho dos historiadores americanos. Nos anos 1890 ele descreve o período como um de “trabalho de segunda classe” no qual historiadores profissionais seriam melhor empregados “separando materiais em lojas”, o que seria bem sintetizado pelas gerações subsequentes.<sup>30</sup>

O descontentamento de Jameson era sincero, e condizia com a realidade. Antes do grande aumento do número de profissionais, os poucos que eram considerados historiadores eram grandes intelectuais que haviam estudado e pesquisado com os maiores nomes que a historiografia da época tinham a

---

<sup>29</sup> JAMESON, J. Franklin. "What Is History?" In: *The History Teacher's Magazine 2*: december, 1910. p. 79. Letter of 31 october 1910, in Donnan and Stock, *An Historian's World*, 13. Tradução livre: "I struggle on, making bricks without much idea of how the architects will use them, but believing that the best architect that ever was cannot get along without bricks, and therefore trying to make good ones."

<sup>30</sup> NOVICK. op. cit., p. 55. Tradução livre: J. Franklin Jameson, as founding and longtime editor of the *American Historical Review*, was the best placed person in the profession to evaluate the output of American historians. In the 1890s he described the period as one of "second-class work," in which professional historians would be most usefully employed in "laying up stores of well-sifted materials" which a subsequent generation would synthesize.

oferecer. Em geral, haviam adquirido seus títulos de doutorado nas principais universidades europeias (principalmente alemãs), e dedicavam a sua vida à pesquisa e ao avanço dos estudos históricos. Após se iniciar o processo de aumento do número de profissionais, diversos “novos doutores” rapidamente se cansavam do mundo acadêmico, e acabavam por ter no currículo apenas a sua tese de doutorado como única publicação significativa.

Os intelectuais que estavam na vanguarda dos movimentos que buscavam a profissionalização do historiador americano viam essa queda de qualidade como um mal necessário, um momento passageiro que permitiria criar as bases para as mudanças que ainda viriam no futuro. O momento agora não era o de buscar a excelência. Era necessário, primeiro, criar as bases institucionais e práticas que seriam fundamentais para efetivar as mudanças historiográficas pretendidas pelos historiadores daquele momento. Essas bases, viriam, inicialmente, na forma de um aumento do número de profissionais no território americano, o que permitiria uma maior atuação em todo o país.

Outro importante historiador americano, Robert B. Townsend em sua obra intitulada *History's Babel: scholarship, professionalization and the historical enterprise in the United States, 1880-1940*<sup>31</sup>, utiliza o termo *empreendimento histórico* para caracterizar a forma como a historiografia americana se organizou a partir do final do século XIX e início do XX. O termo já havia sido usado anteriormente por Pierre Caron<sup>32</sup> e Charles M. Andrews<sup>33</sup> em artigos publicados na *American Historical Review*, mas, Townsend reforça-o buscando demonstrar como se realizou a criação desse grande e cooperativo projeto histórico. Para ele, no início do século XX as várias formas de trabalho que existiram em torno da disciplina histórica no século XIX começaram a se organizar e se unir, principalmente sob a liderança da *American Historical Association*, o que causou a interdependência dessas formas de trabalho. As associações nacionais foram espécies de fóruns neutros onde o projeto da

---

<sup>31</sup> TOWNSEND, Robert B. **History's Babel: scholarship, professionalization and the historical enterprise in the United States, 1880-1940**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013. Versão Kindle.

<sup>32</sup> CARON, Pierre. A French Co-operative Historical Enterprise. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 13, 1908. Pp. 501-509.

<sup>33</sup> ANDREWS, Charles M. These Forty Years. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 30, 1925. Pp. 249.

profissionalização acadêmica foi desenvolvido, além disso, exerceram um importante papel na definição e delimitação de narrativas, pois o seu estabelecimento e o status que os seus oficiais eletivos adquiriram os tornaram marcos essenciais no desenvolvimento das disciplinas históricas.<sup>34</sup>

Townsend divide o empreendimento histórico norte-americano em três períodos<sup>35</sup>: o primeiro (1880 a 1910) seria marcado pela rápida expansão da profissionalização do historiador e do grande crescimento no número de acadêmicos e instituições da área de História. O segundo período (1911 a 1925) seria marcado pelas microprofissionalizações que se tornaram possíveis pela disponibilização de recursos e oportunidades dadas pela *American Historical Association*. Essas microprofissionalizações eram atividades como as de biblioteconomia e arquivologia que nasceram, principalmente, pela necessidade em lidar com documentos e outros tipos de fonte histórica que eram achados naquela época. Durante o terceiro período (1926 a 1940) as atividades que surgiram das microprofissionalizações acabam por se separar formalmente da esfera da História se desvinculando da AHA e tornando-se independentes.

Outra forma de pensar a respeito do processo de profissionalização ocorrido naquela época veio do historiador americano Thomas L. Haskell. Em sua obra<sup>36</sup>, Haskell defende a existência, no século XIX, de uma crise de autoridade no campo das ciências humanas como um todo. É como se a falta de uma figura de autoridade, seja na forma de um indivíduo ou instituição, fosse o principal motivo para o amadorismo e a falta de profissionalização nos campos de conhecimento. No caso da História nos EUA, essa figura de autoridade veio na forma da AHA que foi capaz de “centralizar o poder” e criar diretrizes pelas quais o ensino de história e a formação dos historiadores viriam a seguir a partir de então. Além disso, a AHA criou uma rede de comunicações unificada que facilitou o contato entre os historiadores, criando importantes relações que viriam a solidificar o cenário historiográfico americano no futuro.

---

<sup>34</sup> TOWNSEND, op. cit., p. 6.

<sup>35</sup> Idem, p. 8.

<sup>36</sup> HASKELL, op. cit.

As observações realizadas por Robert Townsend, Thomas Haskell e Peter Novick a respeito desse período de transição da historiografia americana são de extrema importância para o andamento de nosso trabalho. A partir deles conseguimos perceber as diversas modificações que ocorreram durante o século XIX para o cenário historiográfico norte-americano. Tais mudanças aconteceram rapidamente, mas de forma bastante organizada através de instituições e figuras centrais que, defendendo interesses próprios ou não, foram a “alavanca” necessária para que o processo de profissionalização e consolidação do historiador estadunidense ocorresse.

O foco da seguinte parte desse capítulo são justamente as instituições e pessoas de maior responsabilidade pelas dramáticas mudanças que ocorreram. Obviamente eles não estavam sozinhos nem podem tomar a responsabilidade para si de tudo que aconteceu, mas a sua importância é tão grande que seria imprudente deixar de falar deles antes de partir para o nosso objetivo principal nessa dissertação.

### **Herbert Baxter Adams e a criação da *American Historical Association***

Peter Novick ressalta que na convenção de abertura da *American Historical Association*, Justin Winsor, um dos membros fundadores, não tardou em reforçar a importância da fundação da AHA para o avanço do processo de profissionalização e da criação de importantes vínculos entre os intelectuais da área.

Foi nesse espírito que Justin Winsor, na convenção de abertura da AHA, observou que os historiadores “não poderiam mais ficar isolados”. Eles eram obrigados a “se submeter às idiossincrasias do contato com os seus companheiros. (...) A fundação de uma profissão histórica – uma comunidade daqueles competentes historicamente – foi, por esse influente critério contemporâneo, um pré-requisito

indispensável para o estabelecimento, identificação e legitimação da verdade histórica objetiva.<sup>37</sup>

Como já foi discutido anteriormente, o campo da História como disciplina e profissão estava em uma situação preocupante aos olhos dos próprios historiadores americanos, logo era necessário fazer algo para mudar este cenário. Foi então que, a partir de eventos e reuniões de associações de outras áreas como a *American Social Science Association* (ASSA), fundada em 1865, a *American Philosophical Association* (1869), a *American Chemical Society* (1876) e a *Modern Language Association* (1883), surgiu a ideia de criar uma associação nacional exclusiva para os historiadores norte-americanos. A reunião na qual foi decidida a criação da AHA foi organizada pelo presidente e pelo secretário da ASSA, John Eaton e Frank B. Sanborn, respectivamente e teve a participação de vários nomes de peso para a historiografia da época, como Charles Kendall Adams, Moses Coit Tyler e Herbert Baxter Adams. Este último talvez tenha sido o principal responsável pela criação da AHA, pois ainda em 1883 apresentou um trabalho na ASSA no qual ele ressaltava a “vontade de reunir aqueles interessados em história sob uma associação geral que serviria para promover os trabalhos e projetos dos historiadores.”<sup>38</sup>

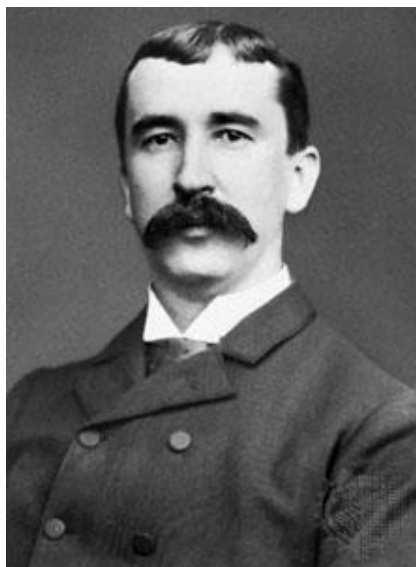
Herbert Baxter Adams era diretor de estudos históricos na Johns Hopkins University e apesar de não ter trabalhos de grande notoriedade na época, se tornou o primeiro e principal divulgador de uma história profissional nos EUA, fazendo mais para “germanizar o meio acadêmico histórico”<sup>39</sup> do que qualquer outra pessoa até então. Adams defendia amplamente o modelo científico de história que vinha sendo difundido a partir da Alemanha, principalmente por ter estudado na Universidade de Heidelberg onde criou fortes relações com seu

<sup>37</sup> NOVICK, op. cit., p. 57. Tradução livre: “It was in this spirit that Justin Winsor, at the founding Convention of the AHA, observed that historians could “no longer afford to live isolated.” They were obliged to “submit idiosyncrasies to the contact of their fellows, and . . . come from the convocation healthier and more circumspect.” The foundation of an historical profession—a community of the historically competent—was, by this influential contemporary criterion, an indispensable prerequisite for the establishment, identification, and legitimation of objective historical truth.”

<sup>38</sup> HOLT, W. Stull. **Historical Scholarship in the United States, 1876-1901**. Seattle: University of Washington, 1938. p. 155.

<sup>39</sup> HIGHAM, John. **History: professional scholarship in America**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989. p. 11.

orientador Johann Bluntschli, historiador alemão que ficou mais conhecido por sua participação política do que por seu trabalho acadêmico. Adams acreditava que o Bluntschli tinha “alcançado uma verdadeira jurisprudência histórica por conseguir fazer o seu trabalho afetar a vida política e legislativa”<sup>40</sup> da Alemanha na época. Na Europa, historiadores como Macauley, Dilke, Morley e Bryce eram ao mesmo tempo “importantes membros do Parlamento e distintos escritores históricos”<sup>41</sup>, alcançar esse status era extremamente desejado por Adams.



**Figura 1: Herbert Baxter Adams, primeiro secretário da AHA.**

(FONTE: <http://media-2.web.britannica.com/eb-media/41/13641-004-3942AFF3.jpg>)

Observar essa influência é importante para que possamos conseguir entender o papel de Adams nas mudanças que viriam a ocorrer após a criação da AHA. Ele permaneceu secretário da associação por dezesseis anos consecutivos, e em todos esses anos não poupou esforços para seguir o caminho que a sua principal inspiração alemã, Bluntschli, tinha conseguido alcançar na época. Adams achava extremamente importante para os avanços do processo de profissionalização do trabalho do historiador americano, a busca pela estreita relação entre história e política. Era o dever maior do historiador buscar influenciar nas decisões políticas nacionais.

---

<sup>40</sup> Ibid, p. 12.

<sup>41</sup> TYRRELL, op. cit., p.151.



Assim, já no dia 09 de setembro de 1884, em Saratoga próximo à data da reunião anual da ASSA, aqueles que se interessaram pela ideia de criar uma associação de história foram convocados por Adams e alguns associados a uma reunião. Aproximadamente 40 pessoas apareceram, e esses seriam os primeiros membros da AHA em sua fundação.



**Figura 2: Fundação da AHA. Setembro/1884.**

Sentados da esquerda para direita: William Poole, Justin Winsor, Charles Kendall Adams, George Bancroft, John Jay e Andrew Jackson White. Em pé: Herbert B. Adams e C. W. Bowen.  
(FONTE: <https://www.historians.org/Images/AHA%20History/founders.gif>)

Entretanto, nem todos os intelectuais da época ficaram satisfeitos com a decisão da criação da AHA. O presidente da ASSA, John Eaton, rapidamente se posicionou contra, acreditando que especialização demais era algo ruim, sendo mais interessante continuar como um dos braços da ASSA. Entretanto a independência era desejada pela maioria, e assim a organização foi criada com decisão unânime entre os 40 membros convocados para a reunião. O primeiro presidente da AHA escolhido foi Andrew D. White, os vice-presidentes eram Justin Winsor e Charles. K. Adams, o secretário era Herbert Baxter Adams e o tesoureiro era Clarence W. Bowen.

Durante a mesma reunião foi estipulada também uma constituição, que apesar de bem simples e direta, permaneceu em vigor até 1915:

- I. O nome dessa sociedade será The American Historical Association.
- II. Seu objetivo será o incentivo e apoio aos estudos históricos.
- III. Qualquer pessoa aprovada pelo Conselho Executivo poderá se tornar um membro bastando pagar o equivalente a \$3; e depois do primeiro ano, poderá continuar como membro pagando uma anuidade de \$3. Ao pagar um valor equivalente a \$25, a pessoa poderá se tornar um membro vitalício isento de qualquer taxa subsequente. Pessoas não residentes nos EUA podem ser aceitas como membros honorários e estas serão isentas de qualquer taxa monetária.
- IV. Os cargos deverão ser um Presidente, dois Vice-Presidentes, um secretário, um tesoureiro e um conselho executivo composto pelos oficiais eleitos e mais quatro membros eleitos pela associação. Esses oficiais serão eleitos através de votação em cada reunião anual da Associação.
- V. O Conselho Executivo deverá ficar responsável por realizar os principais interesses da Associação, incluindo as eleições, as realizações das reuniões, a seleção dos *papers* que serão lidos nas reuniões e a determinação de quais *papers* serão publicados.
- VI. Essa constituição poderá ser alterada em qualquer reunião anual, desde que a proposta para a alteração tenha sido realizada na reunião anterior ou tenha sido aprovada pelo Conselho Executivo.<sup>42</sup>

Essa constituição demonstra logo de cara a vontade de crescimento rápido já que permite a entrada de qualquer tipo de pessoa, independente da formação acadêmica. Além disso, o breve período de um ano em que alguém poderia permanecer em um cargo oficial retrata o anseio de manter uma grande rotatividade entre os membros do conselho, o que teoricamente impediria a estagnação da associação em um mesmo viés político.

---

<sup>42</sup> *Papers of the American Historical Association*, 1 (New York, 1886). Acesso em: <https://archive.org/details/cu31924088428440>. É interessante reparar que, segundo o cálculo da inflação realizado pelo site da receita federal americana, \$3 em 1884 teria um valor de compra equiparado à cerca de \$70 hoje, e \$25 em 1884 (o valor para se tornar membro vitalício) seria equivalente a \$600 dólares nos dias atuais. É claro que não devemos desconsiderar as particularidades de cada época, e essa transformação de valor pode ser considerada uma análise rasa de cada realidade, mas ainda assim é possível notar que os valores pagos não eram quantias irrisórias.

Falando de forma mais objetiva, para demonstrar o impacto que a criação da associação teve no cenário historiográfico americano, vale a pena analisar um pouco as diferenças quantitativas provocadas pela mesma. Até a criação da *American Historical Association* em 1884, pode-se dizer que a historiografia americana permaneceu deveras estagnada. Até então existia um pessimismo vigente sobre a profissão de historiador na época anterior à AHA, sendo que várias instituições se perguntavam se valia a pena ou não criar cursos de história nas universidades. Jameson chega a dizer que “ainda se lembra do sentimento triste” de ter ouvido da boca do presidente de Harvard, Charles William Elliot (Presidente de 1869 a 1909) que, durante uma entrevista com dois alunos que perguntavam se ele aconselhava os estudos na área de história, respondeu que “nas atuais circunstâncias, seria extremamente imprudente”<sup>43</sup>.

Como nos diz Jameson<sup>44</sup>, em 1884 não existiam departamentos estaduais responsáveis pelo estudo de história, o número de associações regionais e seus membros eram menos da metade do que veio a ser 10 anos depois e um dos únicos periódico existentes em que se podia publicar trabalhos de História era o *The Magazine of American History*, que ficou em circulação de 1877 a 1893, mas não era publicada em larga escala e se mostrou insuficiente para atender as demandas dos historiadores norte-americanos. Além disso, em todas as universidades americanas existiam apenas quinze professores titulares e cinco professores assistentes que se dedicavam exclusivamente à pesquisa de história. Em 1909 dos sete mil universitários existentes nos Estados Unidos, pelo menos trezentos estudavam história. Em 1884 esse número não passava de trinta.

A AHA foi recebida muito bem pelos historiadores americanos, o que é demonstrado pelo seu rápido crescimento: de início, como já dito, eram 41 membros. Na segunda reunião esse número já alcançava 287 membros (que incluíam um ex-presidente dos EUA, Rutherford B. Hayes (1877-1881) e um futuro presidente, Thomas Woodrow Wilson (1912 – 1921)). Na terceira

---

<sup>43</sup> JAMESON, J. Franklin. **The American Historical Association. 1884-1909.** Oxford University Press: *The American Historical Review*, Vol. 15, No. 1, Outubro, 1909.

<sup>44</sup> Idem, p. 2.

reunião esse número ultrapassava a marca de 400 membros e já em 1890 havia atingido a marca de 620 membros. Vinte e cinco anos após a criação da associação, em 1909, o número de membros da AHA já ultrapassava a marca de 2500 membros, se tornando a maior e mais ativa organização sobre história do mundo<sup>45</sup>.

Tais número apenas servem para demonstrar mais uma vez o quão grande fora o impacto imediato causado pela fundação da AHA, o que torna evidente a necessidade e vontade da maioria na criação de um meio para lutar pelos interesses dos historiadores.

Já na segunda reunião anual da AHA, os membros mais uma vez viriam ressaltar as óbvias influências alemãs ao anunciar o seu primeiro membro honorário: Leopold Von Ranke. Convidado por Bancroft, Ranke aceitou com alegria e elogios à AHA, mas veio a falecer um ano depois com 90 anos. Até 1909 os outros membros honorários que foram convidados eram: William Stubbs, Samuel Rawson Gardiner, Theodor Mommsen e James Bryce.

Um detalhe importante a se ressaltar, é que apesar do gradual processo de profissionalização e do aumento do número de historiadores com doutorado, a associação ainda aceitava qualquer intelectual que estivesse disposto a pagar a taxa de admissão. O que significou que um grande número de membros inicialmente ainda era amador, não possuindo qualquer formação histórica, mas tendo bastante interesse na área. Isso não era visto como algo ruim, pelo contrário, o incentivo ao interesse dos estudos históricos era amplamente apoiado e a presença de não historiadores na AHA servia para estreitar as relações entre a história e outras áreas de conhecimento acadêmico. O mais interessante é que durante a maior parte dos anos iniciais da associação, o conselho executivo raramente selecionava um historiador profissional para ser o presidente anual das reuniões. Esse conselho executivo, que era liderado pelo secretário Herbert Baxter Adams, utilizava da posição para manter importantes intelectuais de outras áreas sobre sua influência.

---

<sup>45</sup> LINK, Arthur S. **The American Historical Association. 1884-1984: Retrospect and Prospect.** In: *The American Historical Review*, Vol. 90, No. 1, Fevereiro, 1985. p. 3.

Adams lutou para manter as associações locais e estaduais sobre a influência paternal da AHA. Quando em 1889 algumas delas pareciam estar prestes a criar sua própria federação, Adams as convenceu através de convites especiais de participação nos trabalhos da Associação.<sup>46</sup>

A intenção de manter relações estreitas com os membros amadores da AHA mesmo tendo o objetivo maior da profissionalização foi, a meu ver, uma forma não só de aumentar o raio de influência da associação sobre os diversos campos de conhecimentos existentes, mas também de assumir um controle efetivo desses personagens o que permitiria à AHA a centralização da troca de ideias e debates que aconteciam nos EUA em relação à historiografia.

As atas das reuniões eram publicadas em conjunto dos papers escolhidos no que eram chamados de *Annual Reports*. As publicações eram então distribuídas para todos os membros da AHA. Os fundos para financiar essas publicações vinham das anuidades pagas pelos membros. Para se ter uma ideia em 1889 a Associação arrecadava em cofre cerca de \$4600<sup>47</sup> e quase todo esse dinheiro era utilizado para publicar os trabalhos enviados. Os *Annual Reports* eram a principal publicação da associação na época.

Um dos maiores desejos de Adams, que existia desde a criação da AHA, era o de aproximação com o governo americano. Uma possível incorporação ao Congresso era vista como vantajosa pela maioria dos membros, pois permitiria a eles expandir o seu campo de atuação e angariar mais recursos através de financiamentos governamentais, além disso, sob a figura influente de Hebert Baxter Adams, a intenção da AHA, pelo menos inicialmente, ainda era a de manter os objetivos da associação sobre uma esfera tanto acadêmica quanto política.

---

<sup>46</sup> HIGHAM, op. cit., p. 13. Tradução livre: "Adams took pain to gather the state and local historical societies under the Association's paternal wing. When in 1889 some of them seemed on the verge of creating their own federation, Adams headed them off with a special invitation to participate in the Association's work."

<sup>47</sup> Segundo o cálculo da inflação, isso seria o equivalente a aproximadamente \$114.000,00 hoje.

Assim, as reuniões anuais começaram a acontecer em Washington logo a partir da segunda reunião, na tentativa de uma aproximação da AHA com o congresso americano e em 1888 foi realizado um pedido formal de incorporação da AHA ao governo. O mesmo foi assinado em 1889 pelo presidente Grover Cleveland. Essa incorporação ao governo é, também, um dos pontos chave para entendermos o porquê da historiografia americana e o seu principal periódico, a AHR, serem tão acolhedoras no sentido de aceitar diversos tipos de temas e recortes temporais e espaciais diferentes em um mesmo número. A partir da incorporação, a AHA sofreu diversas mudanças que influenciariam diretamente na forma como a historiografia americana se desenvolveria a partir de então. Já nos *Annual Reports* de 1889 o ato de incorporação viria ainda nas páginas iniciais:

Fica estabelecido pelo Senado e pela Casa de Representantes dos Estados Unidos da América em reunião do Congresso, que Andrew D. White, de Ithaca, no Estado de Nova York; George Bancroft, de Washington, no Distrito de Columbia; Justin Winsor, de Cambridge, no Estado de Massachusetts; William F. Poole, de Chicago, no Estado de Illinois; Herbert B. Adams, de Baltimore, no Estado de Maryland; Clarence W. Bowen, de Brooklyn, no Estado de Nova York; seus associados e sucessores, estão a partir de agora criando no Distrito de Columbia um corpo político e corporativo, pelo nome de *American Historical Association*, para a promoção de estudos históricos, obtenção e preservação de manuscritos, e pelo simples propósito de interesse na história americana. (...) <sup>48</sup>

A associação teria agora a sua sede em Washington, receberia financiamento do governo americano para a publicação dos artigos, mas ao mesmo tempo teria que se reportar ao secretário do Instituto Smithsonian com relatórios sobre os trabalhos e resultados adquiridos, e tal secretário responderia ao congresso com seu parecer sobre a qualidade e sobre o corpo dos trabalhos.

A incorporação da AHA pelo congresso americano é um marco tanto para a história da associação quanto para a história da historiografia americana. Isso

---

<sup>48</sup> **Annual Reports of the American Historical Association.** Washington: Government Printing Office. 1889.

porque ela acarretou em três grandes transformações: a mudança da AHA para Washington; o incentivo financeiro dado pelo governo, que agora pagaria todas as publicações da AHA; e a fiscalização dos trabalhos publicados imposta pelo governo americano.

Aproximar a associação da vida política dos EUA sempre foi o interesse maior de Herbert B. Adams, e ao assegurar sede em Washington ele pretendia justamente manter relações próximas com as decisões políticas que eram realizadas. O grande problema que isso acarretou, entretanto, foi que as reuniões passaram então a acontecer todo ano em Washington, gerando grande descontentamento por parte dos historiadores que moravam longe da capital. As reuniões rapidamente se tornaram repetitivas com os mesmos frequentadores de sempre, pois, levando em conta que era uma época onde a locomoção não era tão simples, a maioria das pessoas não queria se dar ao trabalho de viajar longas distâncias.

Além disso, essa espécie de fiscalização imposta pelo governo americano foi vista com desgosto pelos membros da AHA, mas as vantagens acabaram por eclipsar este problema, o que permitiu que as exigências do governo passassem sem protesto. O fato é que, com o financiamento do governo, os fundos da AHA que antes eram gastos quase que inteiramente para tornar possível a publicação dos *Annual Reports*, agora poderiam ser gastos com outras coisas. Parece pouco, mas foi esse dinheiro extra que permitiu a AHA expandir o seu campo de atuação, investir em novos eventos, criar comitês especializados para buscar e estudar documentos que antes não se encontrava, etc. Ou seja, esse dinheiro permitiu uma expansão extremamente veloz da associação e de suas estruturas, fazendo com que em apenas 25 anos ela já se tornasse a maior associação do mundo, como dito anteriormente.

Apesar do rápido avanço realizado pela AHA (ao menos no que diz respeito a número de membros), o descontentamento dos membros da associação pelas realizações de Herbert B. Adams continuava a crescer. A mudança de sede para Washington e a fiscalização imposta pelo governo provocava cada vez mais reclamações de diversos membros ao redor do país e após alguns anos

de protesto, os membros exigiram a mudança da sede para um modelo rotativo, em que cada ano as reuniões seriam realizadas em um local diferente, para que pudessem atender ao mais variado número de participantes. O historiador americano John Higham observa ainda que “por trás dessa mudança específica não é difícil notar uma rebelião mais ampla contra o balanço cuidadoso de Herbert Baxter Adams entre interesses acadêmicos e não acadêmicos.”<sup>49</sup>

O mesmo grupo que incentivou tais mudanças começou a fazer outras exigências de modificações que muitos membros já esperavam a anos. Para começar, um maior número de historiadores profissionais começou a participar do conselho executivo da associação. A participação política diminuiu para dar lugar à participação na vida escolar dos EUA. Em 1896 o famoso “comitê dos sete”<sup>50</sup> foi criado visando “melhorar o ensino de história nas escolas secundárias”<sup>51</sup>. Esse comitê era apenas uma amostra das intenções que a AHA demonstrava em relação à educação naquele período. Como nos diz Ian Tyrrell:

A AHA realizou uma pesquisa extensiva em relação às escolas de nível fundamental e médio entre 1890 até a Primeira Guerra Mundial. Essencialmente, essa influência foi adquirida através de uma série de comitês pelos quais historiadores acadêmicos criaram currículos detalhados para as escolas. Já em 1892, apenas oito anos após a sua fundação, a AHA construiu uma aliança com a Associação Nacional de Educação (NEA) e os seus professores educadores, administradores, diretores e alguns professores que atuavam em sala de aula.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> HIGHAM, op. cit., p. 16.

<sup>50</sup> O Comitê dos Sete foi criado em 1896 e o seu relatório, publicado no mesmo ano, de nome “*The Study of History in Schools: Report to the American Historical Association by the Committee of Seven*” teve um significativo impacto na prática da história e educação nas escolas americanas da época. Os membros do comitê eram: Andrew McLaughlin (presidente), Hebert B. Adams, Geroge L. Fox, Albert Bushnell Hart, Charles H. Haskins, H. Morse Stephens, e Lucy M. Salmon. Todos eram membros da AHA, o único que dava aula na escola secundária era George L. Fox, os outros seis eram professores de nível universitário. A única mulher do comitê, Lucy Maynard Salmon, era membro do departamento de história do *Vassar College*.

<sup>51</sup> JAMESON, J. Franklin. *Annual Reports of the American Historical Association (1895-1899)*. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**. p. 15-19.

<sup>52</sup> TYRRELL, op. cit., p.116. Tradução livre: “The AHA exercised considerable survey over the high and elementary school curriculum from 1890 to World War I. Essentially, this influence was



A maior parte dos críticos ainda debate os detalhes sobre onde ou quando a história acadêmica americana perdeu sua influência no ensino de história das escolas de base. A maioria acredita em uma erosão vagarosa que se iniciou a partir da Primeira Guerra Mundial devido a um surgimento de um contexto social de uma América progressista que motivou reformas no ensino médio buscando discutir principalmente questões de história recente, atualidades e geopolítica, que eram consideradas mais relevantes para aquele contexto. A perda completa dessa influência no ensino de história teria acontecido entre as décadas de 1930 e 1940, tendo em vista que a última intervenção direta de historiadores profissionais no ensino de história dos EUA, em termos políticos, aconteceu no início da década de 1930<sup>53</sup>. A precariedade do ensino e a falta de contato dos historiadores profissionais com o mesmo permaneceu ainda por longos anos, e apenas após a Segunda Guerra Mundial, a partir de uma pressão criada principalmente pela mídia<sup>54</sup> (com o famoso jornal *The New York Times* como precursor) essa realidade começou a se alterar. A mídia repercutia os problemas de educação que existiam nos EUA na época e chamava uma atenção especial para a situação do ensino de história que era considerado incapaz de preparar adequadamente o jovem americano em um momento tão importante como aquele.

Apesar do rumo que o ensino de história e a influência da AHA no mesmo tomaram a partir da Primeira Guerra Mundial, vale ressaltar que durante esses trinta anos iniciais de existência da associação, ela conseguiu se manter em uma posição de controle em relação a praticamente tudo que era decidido no país sobre o que seria ensinado e como se comportaria a disciplina e os professores nas escolas daquela época. Essa posição de controle só foi alcançada através da onda de mudanças que discutimos, e que estavam começando a ocorrer na AHA durante o final da era Herbert B. Adams.

---

deployed through a series of committees in which academic historians designed detailed curricula for the schools. As early as 1892, only eight years after its founding, the AHA had built na alliance with the NEA and its teacher educators, administrators, principals, and some classroom teachers.”

<sup>53</sup> NOVICK, op. cit., p. 185-193, 368-372.

<sup>54</sup> TYRRELL, op. cit., p.111.

Mudanças essas que foram muito bem recebidas pela maior parte dos historiadores estadunidenses, o que foi demonstrado pelo grande aumento de membros de 1895 a 1899.

A alteração dos locais das reuniões anuais, a maior presença de historiadores profissionais no conselho executivo e uma troca de foco de uma participação política para uma participação no ensino, eram mudanças drásticas que estavam ocorrendo na AHA e obviamente eram opostas aos interesses políticos de Adams, mas as modificações estavam dando tão certo que ele nada pôde fazer além de aceitar e assistir a um outro grupo de historiadores tomar as rédeas do avanço da historiografia americana no final do século XIX. Tal grupo viria a fundar, pouco tempo depois, a *American Historical Review* e teria como principal figura J. Franklin Jameson, um dos maiores historiadores americanos e que dedicou sua vida aos avanços dos estudos históricos nos EUA.

Os anos em que Jameson estava na linha de frente dos avanços da historiografia americana foram marcados por um período de profundo movimento em direção a uma superespecialização que foi consequência do avanço da visão de história como ciência. Além disso, a criação da *American Historical Review* trouxe uma nova plataforma para que os historiadores americanos pudessem publicar os seus trabalhos e escapar da fiscalização que era imposta pelo governo nos *Annual Reports* da AHA. O foco do próximo capítulo será o de discutir em detalhes como isso ocorreu.

## **CAPÍTULO II: SUPERESPECIALIZAÇÃO, AUTOCENSURA E A CRIAÇÃO DA *AMERICAN HISTORICAL REVIEW***

A partir das grandes mudanças realizadas na historiografia americana pela *American Historical Association*, a forma como os historiadores escreviam e viam a história começava a mudar vagarosamente, a visão científica da história estava tomando lugar de um estilo mais romântico antes propagado por grandes nomes, como o de George Bancroft. Agora, para se fazer História era necessário uma atenção especial a detalhes, um rigor extremo na verificação das fontes e documentos e a necessidade de se buscar uma aproximação da verdade do que havia ocorrido no passado.

Essa história científica proposta pelos historiadores americanos do fim do século XIX, havia se tornado inevitavelmente superespecializada<sup>55</sup> devido, principalmente, à essa preocupação maior com os detalhes e o rigor na análise das fontes, afinal para se garantir a qualidade de um trabalho que tinha essa intenção, seria necessário um enorme tempo de pesquisa e atenção a apenas uma determinada área. Tentar fazer uma história global havia se tornado praticamente impossível, pois a mesma estaria fadada a apresentar lacunas e falta de minúcias que agora eram vistos como fatores determinantes para afastar uma obra do que era considerado um trabalho histórico de excelência.

Essa superespecialização, entretanto, era vista com maus olhos por muitos historiadores, que a acusavam de ser responsável pela consolidação de uma linguagem especializada, falta de um estilo de escrita único de cada autor, assuntos muito estreitos e desinteressantes, e a perda de audiência e coerência narrativa. Essa crítica pode ser vista em alguns artigos da *American Historical Review*, incluindo o de William M. Sloane que abriu o lançamento do primeiro número da revista<sup>56</sup>. A ironia, entretanto, é que mesmo os autores que criticaram bastante a superespecialização, acabaram por exercê-la, pois se viram obrigados a acompanhar a tendência da historiografia americana na

---

<sup>55</sup> Ibid., p. 25-26.

<sup>56</sup> SLOANE, William M. *History and Democracy*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 01, n.1, 1895. Pp. 1-23.

época. Se quisessem publicar nos principais periódicos e participar dos principais debates, eles teriam que adequar os seus trabalhos ao que estava sendo considerado como o jeito correto de se escrever a história.

Quaisquer sejam os riscos, os historiadores científicos acreditavam que a especialização era tão inevitável nos estudos históricos quanto era na física ou química. Nos olhos de um intelectual tão influente como John Franklin Jameson, o primeiro editor da AHR e a sua luz guia nas suas primeiras três décadas, apenas pela especialização os novos “Historiadores Científicos” poderiam buscar, publicar e interpretar a vasta quantidade de fontes primárias até então negligenciadas. Apenas pela especialização a ignorância acadêmica de campos inteiros poderia ser eliminada. Jameson acolheu os “mais ricos e diversos estudos históricos” que ele considerou como adequados de uma prática acadêmica.<sup>57</sup>

Jameson está no centro dessa mudança da historiografia americana para um modelo mais especializado, centrado nos detalhes e no tratamento das fontes primárias. Ele não só incentivava tal mudança na AHR, mas também tentou controlar outros periódicos menores e associações que estavam se formando. Um exemplo é o incentivo que o mesmo deu na criação da *Association for the study of Negro life and History* (ASNLH) em 1915, que, como o próprio nome sugere, focava os seus estudos apenas na história que envolvia a população negra dos Estados Unidos e do resto do mundo. Jameson foi um historiador importantíssimo para a historiografia americana, e sua visão de quais os rumos que a história deveria tomar foram refletidos na AHR durante todos esses anos iniciais que ele foi o editor chefe da revista.

---

<sup>57</sup> TYRRELL, op. cit., p. 27. Tradução livre: “Whatever its risks, scientific historians believed that specialization was as inevitable in historical study as it was in physics or chemistry. In the eyes of such an influential scholar as John Franklin Jameson, the first editor of the AHR and its leading light in its first three decades, only by specializing could the new “Scientific Historians” hope to seek out, publish and interpret the vast collections of hitherto neglected primary sources. Only through specialization could scholarly ignorance of whole fields of history be eliminated. Jameson welcomed the “richer and more diversified historical studies” that he found characteristic of academic practice.



**Figura 3: J. Franklin Jameson, primeiro editor da AHR.**

(FONTE: <http://shfg.org/shfg/wp-content/uploads/2014/05/J-Franklin-Jameson-64-NA-1472-.png>)

Nascido no ano de 1859 em Somerville, Massachusetts, John Franklin Jameson era filho de Mariette Thompson e John Jameson, um professor e advogado bastante respeitado na época, foi incentivado pelo pai a focar nos estudos acadêmicos após mostrar, ainda quando criança, um forte interesse em história e outros estudos das humanidades em geral. Jameson dedicou quase 30 anos de sua vida aos avanços da AHA e da AHR. Em ambas fora uma figura central que ajudou nas tomadas das principais decisões que levaram a moldar a fisionomia da revista e consequentemente da historiografia americana na virada do século XIX para o XX. Foi o primeiro editor chefe da AHR e sua excelente performance no comando da mesma deu a ele uma reputação que ficou conhecida no mundo inteiro. Em 1909, Gabriel Monod, editor da *Révue Historique*, ressaltou que, na opinião dele, a *American Historical Review* havia se tornado o melhor de todos os periódicos de história<sup>58</sup>. Tornou-se presidente da AHA em 1907 e ficou popularmente

---

<sup>58</sup> LELAND, Waldo G. **John Franklin Jameson**. Artigo lido nos *National Archives* em 28 de dezembro, 1955.

conhecido entre os seus colegas como “O reitor” pela sua dedicação rigorosa aos estudos históricos.<sup>59</sup>

Jameson tinha muitas das qualidades que fazem um grande historiador: grande erudição, precisão ao se expressar, um entendimento penetrante das motivações, e um sutil senso de relacionamento. Porque ele abandonou a escrita histórica por volta dos seus quarenta anos ainda é um mistério. Parte da explicação está na natureza crítica e severa da forma como ele fazia as coisas. Ele era, nesse sentido o nosso Lord Acton americano.<sup>60</sup>

Especialista em historiografia, Jameson foi o primeiro historiador a conseguir título de PHD em território americano no ano de 1882 na Johns Hopkins University. Lecionou na Brown University a partir de 1888 e após uma pequena passagem pela University of Chicago, mudou-se para Washington em 1905 onde se tornou diretor do Departamento de Pesquisa Histórica do famoso Carnegie Institution de Washington, posição essa que manteve até 1928. Em 1974, como forma de homenagear todo o trabalho e dedicação de Jameson ao desenvolvimento da historiografia americana, a AHA criou o *J. Franklin Jameson Award* prêmio entregue a cada dois anos como reconhecimento a trabalhos de excelência realizados no campo de edição de obras históricas.

Jameson era um dos muitos historiadores que estavam descontentes com os rumos que a *American Historical Association* havia tomando após alguns anos da sua criação. A migração de sede para Washington, a falta de historiadores profissionais em posições de liderança na associação e, principalmente, a fiscalização que estava sendo imposta nas publicações dos *Annual Reports*, incentivaram a criação de um periódico separado que serviria como uma nova plataforma para publicação de artigos autorais, dessa vez criada e controlada

---

<sup>59</sup> McCARTHY, Charles; DONNAN, Elizabeth. “**Charles Mccarthy to J. Franklin Jameson**”. *The Wisconsin Magazine of History* 33.1 (1949): 64–86.

<sup>60</sup> HIGHAM, op. cit., p. 21. Tradução livre: “Jameson had many of the qualities of a great historical writer: massive learning, precision of expression, a penetrating understanding of motives, and a subtle sense of relationships. Why he abandoned historical writing when he was scarcely forty remains something of a mystery. Part of the explanation lies in the cautiousness and severity of his critical standards, which quarreled and contended with the constructive power of his ideas. He was, in this sense our American Lord Acton.”

por historiadores profissionais. Jameson liderava o corpo de editores que nos seus anos iniciais também tinha a presença de George B. Adams, Albert Bushnell Hart, Harry Pratt Judson, John Bach McMaster, William M. Sloane e H. Morse Stephens. A *American Historical Review* surgiu como um periódico completamente independente da AHA e nos seus três primeiros anos de vida fora financiada por esses editores e mais um pequeno número de contribuintes. Por ser independente da AHA a AHR não sofria com a fiscalização imposta pelo governo americano, e logo foi se tornando a principal fonte de publicação dos historiadores americanos.

THE  
AMERICAN HISTORICAL  
REVIEW

*BOARD OF EDITORS*

GEORGE B. ADAMS	JOHN BACH McMASTER
ALBERT BUSHNELL HART	WILLIAM M. SLOANE
HARRY PRATT JUDSON	H. MORSE STEPHENS

*MANAGING EDITOR*

J. FRANKLIN JAMESON

VOL. I

OCTOBER 1895 TO JULY 1896

*New York*

THE MACMILLAN COMPANY

LONDON: MACMILLAN & CO., LTD.

1896

**Figura 4: Primeira página do primeiro número da AHR.**  
(FONTE: <https://www.jstor.org/stable/1834012?seq=1>)

Apesar de ter sido criada em 1894, a primeira publicação da revista ocorreu em outubro de 1895. Ela contava com quatro edições por volume, sendo que em

cada uma delas, eram publicados artigos autorais, notas, documentos e resenhas. A AHR funcionou, em seus anos iniciais, como a principal forma dos historiadores americanos de publicar os seus trabalhos. Sendo assim era muito comum encontrar artigos de temas e recortes temporais e espaciais completamente diferentes em um mesmo número, um exemplo são as publicações do segundo número do terceiro volume da revista, publicado em abril de 1897, no qual juntos estavam um artigo escrito por John W. Burgess, *Political Science and History*<sup>61</sup>, um trabalho sobre a relação entre a História e a Ciência Política nos Estados Unidos, e outro artigo escrito por William Woodville Rockhill chamado *Diplomatic Missions to the Court of China: The Kotow Question I*<sup>62</sup>, em que é analisada, entre outras coisas, a relação da Corte Chinesa com as embaixadas existentes no país. Assim, diferentemente de outras revistas como a inglesa *English Historical Review* ou a alemã *Historische Zeitschrift*, a revista americana aceitou em seus anos iniciais praticamente qualquer tipo de publicação.

Entre 1897 e 1898 foi realizado um acordo em que a AHA iria financiar a publicação da AHR e distribuí-la para todos os membros da associação. Esse acordo não tirava a liberdade da AHR, que ainda permanecia livre da fiscalização imposta pelo governo americano. Este também pode ser um dos pontos-chaves para entendermos o porquê dos trabalhos publicados na AHR nos seus primeiros anos eram tão variados. Além da influência alemã, podemos perceber também que a revista foi usada como uma forma de fugir dessas limitações que eram impostas pelo governo. Para se ter uma ideia, dois dos autores que mais publicaram na revista nos seus primeiros 20 anos de existência foram Henry Charles Lea, e Charles H. Haskins, especialistas em História Medieval e História da Igreja. Antes do surgimento da AHR seus trabalhos possivelmente não poderiam ser publicados pela AHA, já que o governo buscava impedir quaisquer tipos de publicações cujo tema envolvia a religião cristã.

---

<sup>61</sup> BURGESS, John W. *Political Science and History*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 2, n.3, 1897. p. 401-408.

<sup>62</sup> ROCKHILL, William Woodville. *Diplomatic Missions to the Court of China: The Kotow Question*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, VOL. 2, n.3, 1897. p. 427-442.



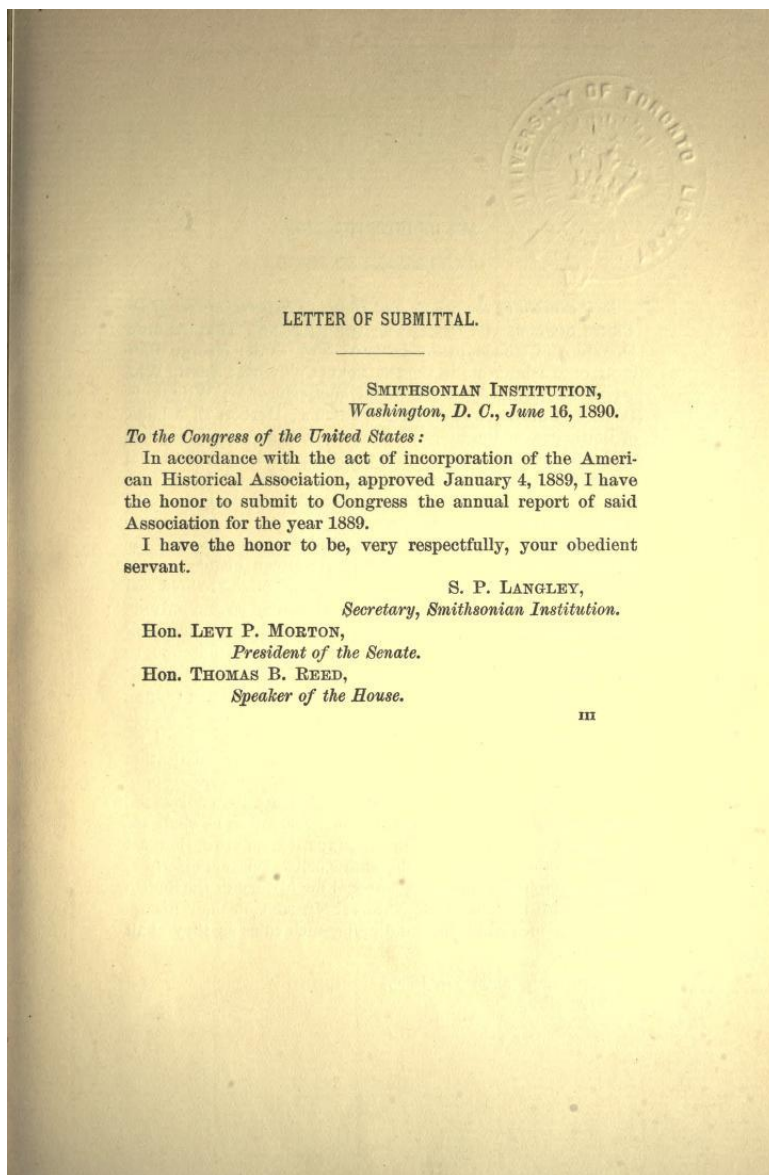
O problema da fiscalização é uma das principais questões que proponho discutir a partir da análise da revista. O fato é que os principais historiadores que hoje estão na vanguarda do debate sobre a criação da AHA e da AHR, como Peter Novick, Margaret Stieg, Thomas Haskell e John Higham possuem interpretações variadas, mas que em nenhum momento levam em consideração a presença dessa fiscalização como fator fundamental para o surgimento da revista.

Os *Annual Reports* da AHA já estavam bastante consolidados e, com a recente incorporação pelo governo, tinham mais do que financiamento suficiente para publicar e distribuir todos os artigos dos historiadores que queriam mostrar o resultado de seus trabalhos, a pergunta que se faz aqui então é: por qual motivo um periódico tão ambicioso como a AHR teria sido fundado apenas seis anos após a incorporação da AHA pelo governo? A resposta que os historiadores citados acima dão, é deveras simples: a criação da AHR foi influenciada por uma tendência que estava acontecendo na Europa e veio para fornecer uma plataforma de debate e comunicação entre os historiadores dos EUA, além de contribuir para a consolidação do trabalho do historiador. Entretanto, como mostrei no capítulo anterior, acredito que a AHA já estava cumprindo essa função de forma eficiente, a AHR tinha um motivo a mais, ela surgiu não só pelos motivos debatidos pelos autores citados, mas também como um mecanismo de combate a uma autocensura que estava sendo provocada por essa fiscalização do governo americano à associação e à sua principal forma de publicação na época, os *Annual Reports*.

### **A autocensura como um dos motivos para a criação da *American Historical Review*.**

Como discutido anteriormente, após a criação da *American Historical Association* em 1884, buscando uma maior aproximação do trabalho do historiador com a política do país e vendo o financiamento que a associação receberia, o secretário Herbert B. Adams acertou um acordo com o congresso americano que incorporava a AHA ao governo, garantindo diversas vantagens,

mas tornando obrigatório que todos os trabalhos a serem publicados tivessem que passar antes pelas mãos do secretário do Instituto Smithsonian (que era escolhido pelo congresso). Apenas após a aprovação do secretário, os trabalhos poderiam ser publicados e, como podemos observar na figura abaixo, ele era extremamente fiel às decisões do governo, afirmando “ter a honra de ser, muito respeitosamente, o seu servo obediente”.



**Figura 5: Carta de aprovação de 1889 do Secretário do Instituto Smithsonian ao Congresso**  
(FONTE: <https://archive.org/details/1889annualreport00ameruoft>)

O Instituto Smithsonian é formado por um conjunto de museus existentes nos Estados Unidos que hoje possuem mais de 154 milhões de itens em sua coleção. Foi fundado quando o sobrinho do químico e mineralogista britânico James Smithson faleceu, fazendo com que a vasta herança que o seu tio havia deixado, fosse passada para o governo dos EUA. Seguindo o testamento de Smithson, caso a linhagem familiar tivesse deixado de existir, a sua herança deveria ser passada para o governo americano, para a criação de um estabelecimento com o nome de *Smithsonian Institution* que teria o objetivo de “aumentar e difundir o conhecimento entre os homens”<sup>63</sup>. Seguindo a sua vontade, o instituto foi fundado em 1846 quando o então presidente James K. Polk assinou a legislação que estabelecia o Instituto como um instrumento de confiança dos Estados Unidos, que seria administrado por um corpo de regentes e um secretário.

O Instituto cresceu rapidamente, se tornando o principal depósito de achados arqueológicos, documentos e pesquisa científica dos EUA na época. O secretário do Instituto era escolhido pelo Congresso e permanecia no cargo por tempo indeterminado, o primeiro a ocupar a posição fora Joseph Henry, um cientista especializado nos estudos sobre eletromagnetismo e que ficou entre os anos de 1846 até 1878 quando faleceu. O segundo secretário fora Spencer Fullerton Baird um naturalista e zoólogo que permaneceu também até falecer em 1887. O terceiro secretário assumiu o cargo em 1887 e permaneceu até 1906, ou seja, fora durante o seu mandato que a AHA fora incorporada pelo governo, seu nome era Samuel Pierpoint Langley e ele foi o responsável por analisar todos os trabalhos dos historiadores americanos e decidir quais seriam os trabalhos que poderiam ou não ser publicados nos *Annual Reports* da AHA.

Nascido em 1834, Samuel era astrônomo, físico e foi o inventor do bolômetro, um aparelho utilizado na medição da força de radiação eletromagnética. Participou também da corrida pela aviação, sendo um dos pioneiros, junto com nomes como o dos irmãos Wright e Santos Dumont, a dedicar seus conhecimentos e tempo na invenção de máquinas capazes de voar, porém

---

<sup>63</sup> Mais informações sobre a vida de James Smithson e sobre a fundação do Instituto Smithsonian podem ser vistas em BURLEIGH, Nina. **Stranger and the Statesman: James Smithson, John Quincy Adams, and the Making of America's Greatest Museum, The Smithsonian**. New York: Harper Collins, 2003.

suas invenções nunca alcançaram sucesso nessa área. Por mais inteligente e capaz em seu campo de atuação, era bastante óbvio que Langley não possuía nenhum treinamento na área de História, o que tornava bastante curiosa a decisão do congresso de dar a ele a autoridade de aprovar ou não os trabalhos dos historiadores da AHA. Por este motivo, a função dele era bastante clara, vetar os trabalhos que iam contra os interesses diretos do governo. Langley era um *servo obediente* do Congresso americano, como ele mesmo disse, e estava ali apenas para barrar os trabalhos que desagradassem os seus superiores.

Na maioria das vezes, como nos diz Jameson<sup>64</sup>, Langley não se intrometia muito nos artigos que eram publicados, reconhecendo suas limitações, preferia deixar aqueles que entendiam do assunto decidir o que poderia ou não ser publicado. Mas havia dois casos particulares que se tornaram alvos de proibição a partir da incorporação. O primeiro deles foram os trabalhos relacionados ao governo americano, ao Congresso, e seu funcionamento. Qualquer trabalho, seja para realizar críticas ou não, que tentasse falar a respeito do Congresso americano era impedido de ser publicado nos *Annual Reports*. O segundo seriam trabalhos relacionados à religião cristã. O Congresso americano, por tradição, não via os trabalhos que eram realizados sobre as igrejas e sobre a religião em si, com apreço. Assim, todos os estudos que tinham como objeto de estudo a religião ou as igrejas cristãs eram impedidos de ser publicados também. As áreas de História Medieval e Moderna sofreram especialmente com esse impedimento, pois eram as que mais trabalhavam com tais objetos de estudo. Apesar do absurdo que essa fiscalização pode parecer, a incorporação foi aceita pela AHA devido ao alto financiamento que eles receberiam, o que permitiria um crescimento exponencial das atividades da associação. As vantagens acabaram por eclipsar as desvantagens.

Após a incorporação da AHA pelo governo, podemos observar, então, que os historiadores americanos se viram com um grande problema: para se publicar no maior periódico acadêmico de história da época, os *Annual Reports*, era necessário que o seu trabalho passasse por um fiscal que não tinha nenhuma

---

<sup>64</sup> JAMESON, op. cit., p. 14.

formação na área ou preparação para avaliar a qualidade dos trabalhos. Esse fiscal tinha total poder para vetar a sua publicação e, alguns temas específicos já eram conhecidamente *banidos* de aparecer no periódico da AHA. A partir dessa constatação podemos nos perguntar se essa fiscalização não se classificaria como uma clara forma de censura aos historiadores americanos, já que os mesmos eram impedidos de escrever e publicar o que queriam no maior periódico do seu país. Chamar de censura, entretanto, pode ser um pequeno exagero. Para entender melhor essa discussão acerca da censura, a obra de Robert Darnton, *Censors at Work: How States Shaped Literature*<sup>65</sup>, é uma leitura quase que obrigatória.

Neste livro, Darnton nos diz que a resposta básica do que é a censura é muito ampla e poderia ser estendida indefinidamente, desde o monitoramento feito pela NSA até o simples ato de classificar as coisas por um rótulo específico, mas se uma definição ampla de censura pode abarcar quase qualquer coisa, ela inevitavelmente deixa de se distinguir e perde o sentido. Identificar a censura sem restrições de qualquer tipo seria trivializá-la. Entretanto definir a censura muito rigorosamente também é um problema, pois faria com que ela fosse entendida como um fenômeno autônomo quando na verdade ela é particular à realidade de cada contexto socioeconômico. O ideal é encontrar um equilíbrio que nos permita ver a censura de forma ampla o suficiente para ser um fenômeno particular de cada contexto, mas ao mesmo tempo tomando cuidado para não achar que toda forma de restrição seria uma censura, pois a trivialização dela contrastaria com a experiência daqueles que sofreram com a mesma.

As partes desempenhadas variam de acordo com as instituições envolvidas, e a configuração institucional vai depender da natureza da ordem sociopolítica. Seria errado, então, esperar que todas as publicações seguissem um mesmo caminho e, quando ofendessem as autoridades, seriam repreendidas de uma mesma maneira. Não existe modelo geral.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> DARNTON, Robert. **Censors at Work: How States Shaped Literature**. New York: W.W. Norton & Company, 2014.

<sup>66</sup> Idem, p. 17-18. Tradução livre: "The parts played will vary according to the institutions involved, and the institutional configuration will depend on the nature of the sociopolitical order."

Existem duas formas que a censura foi estudada historicamente nos últimos séculos: a primeira seria a história da luta entre liberdade de expressão e a tentativa de reprimi-la pelas autoridades religiosas e políticas. Ela possui um caráter maniqueísta e coloca os filhos da luz (pela liberdade de expressão) contra as trevas (os censores). Leva em conta a ideia de liberdade de expressão como um direito inerente do povo. A segunda seria um relato sobre as restrições de todo tipo que inibem a comunicação. Seria mais geral e consideraria a censura como parte de um contexto socioeconômico, um ingrediente da realidade social que nega o argumento de uma liberdade inerente a cada cidadão.<sup>67</sup>

Se fossemos considerar as restrições impostas pelo governo às publicações da AHA como censura, teríamos que olhar o contexto, a legislação e as particularidades dos Estados Unidos na época, afinal de contas o que pode ser aceitável ou não em um determinado país, não necessariamente será em outro.

Uma pessoa chamada de censora pode se comportar de acordo com regras de um jogo que são incompatíveis com aqueles que são chamados de censores em outro sistema. Os jogos, por si só, são diferentes.<sup>68</sup>

Desde os primórdios da formação da identidade do cidadão norte-americano, a ideia de liberdade é extremamente presente na vida das pessoas, sendo um dos pilares máximos de toda a sociedade estadunidense. A partir da chegada dos primeiros colonos, a influência puritana e o sentimento de exploração e descoberta levaram à formação de um *self-made man* que acreditava na concepção de que a América era uma terra prometida e que era obrigação do

---

It would be wrong therefore, to expect all publications to follow the same path and, when they offended the authorities, to be repressed in the same manner. There is no general model.”

<sup>67</sup> Ibid., p. 229.

<sup>68</sup> Ibid., p. 15. Tradução livre “A person called a censor may behave according to the rules of a game that are incompatible with those followed by someone considered to be a censor in another system. The games themselves are different”

povo desbravar aquele território desconhecido e criar uma nova vida para todos<sup>69</sup>.

A formação da Constituição americana em meados de 1787-89 é um excelente exemplo de como a ideia de “liberdade” se tornou, talvez, o principal alicerce do seu povo, e isso é visto logo de cara na primeira emenda do *Bill Of Rights* que garante a liberdade religiosa e de expressão e proíbe a criação de qualquer lei que entre em conflito com esses direitos. Porém, mesmo com a garantia dada na constituição, a história americana não é livre de vários processos de censura que restringiram essa liberdade de expressão e afetaram de diversas maneiras a propagação de diferentes ideias em território estadunidense.

Como exemplo, a partir de 1798 entrou em vigor quatro projetos de lei conhecidos como *Alien and Sedition Act* durante o governo do então presidente John Adams. Tais leis tinham como principal objetivo dificultar a possibilidade de estrangeiros se tornarem cidadãos americanos, elas davam permissão ao presidente de mandar prender e deportar imigrantes que ele considerasse perigosos, além de dar poder ao governo americano de criminalizar atos que o mesmo considerasse sediciosos, ou seja, considerados perigosos para a moral e ordem do país. O problema era que quem decidia se um ato era sedicioso ou não, era o próprio governo, o que significava que o mesmo tinha, a partir dessa lei, o poder de efetivamente censurar qualquer tipo de ato que considerasse prejudicial para si.<sup>70</sup>

A diferença aqui com o que aconteceu através da incorporação da AHA é a questão da escolha. O que impedia que alguns historiadores americanos publicassem nos *Annual Reports* não era uma lei imposta pelo governo, mas um contrato firmado com a associação. O contrato efetivamente impedia uma série de publicações, mas foi uma escolha da AHA firmá-lo. Ao contrário de outros países que Darnton analisa em sua obra, como a Alemanha Oriental do

---

<sup>69</sup> CRUNDER, Robert M. **Uma breve história da cultura americana**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1994.

<sup>70</sup> Para uma leitura mais aprofundada sobre o “Alien and Sedition Act”, ver AUSTIN, Aleine. **Matthew Lyon, "New Man" of the Democratic Revolution, 1749-1822**. University Park, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1981. e McCULLOUGH, David. **John Adams**. New York: Simon & Schuster, 2001.

século XX, nos EUA se o seu artigo fosse recusado, você poderia publicar ele em outro lugar.

Entretanto, a realidade americana da época não era repleta de opções para publicação. Os *Annual Reports* era o maior e mais amplo periódico em que os historiadores americanos podiam publicar os seus trabalhos, se você não tinha acesso a ele, suas opções se tornavam escassas: mudar completamente o seu trabalho ou até mesmo a sua linha de pesquisa para ser aceito, buscar publicações fora do país, adaptar seu trabalho para uma realidade regional e publica-lo em periódicos pequenos, ou criar um novo periódico que não sofresse com as mesmas restrições.

Por isso, apesar de não acreditar que podemos chamar a restrição imposta a AHA de censura, acredito que ela ainda carrega um papel fundamental no entendimento do porquê a *American Historical Review* foi criada. Afinal, como adverte Michel de Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um porto de observações ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.<sup>71</sup>

Certeau ainda completa:

Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela. Esta instituição se inscreve num complexo que lhe permite apenas um tipo de produção e lhe proíbe outros. Tal é a dupla função do lugar. Ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura

---

<sup>71</sup> CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2013. p. 47.



com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. Sem dúvida, essa combinação entre permissão e interdição é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com qualquer coisa. É igualmente sobre essa combinação que age o trabalho destinado a modificá-la.<sup>72</sup>

A fiscalização dos *Annual Reports* imposta pelo governo a partir do acordo firmado com a AHA, modificou o lugar de produção dos historiadores americanos. Os mesmos agora sofriam uma autocensura, uma repressão censória do próprio comportamento, eram obrigados a se controlar e tomar cuidado com o que escreviam e diziam, pois não faze-lo poderia significar ter o seu trabalho impedido de ser publicado na principal plataforma de publicação do país. A criação da *American Historical Review* deu um fim a esse problema. A revista não tinha qualquer ligação direta com o governo, e, mesmo depois de passar a ser financiada pela associação, não estava ligada ao contrato que obrigava as publicações a passarem pelas mãos do secretário do Instituto Smithsonian. Um novo e grande periódico surgia, onde todos os historiadores e intelectuais americanos poderiam publicar os seus trabalhos sem medo de um impedimento direto realizado pelo congresso.

### **A reforma da *American Historical Review* e a Primeira Guerra Mundial.**

No próximo capítulo, iremos realizar um profundo mapeamento dos primeiros vinte anos de existência da *American Historical Review* buscando encontrar padrões que nos permitam criar um perfil da historiografia americana da época através da revista. O recorte de vinte anos foi escolhido não só por acreditarmos que é o suficiente para traçar um perfil do início da revista, mas porque 1915 foi um ano de diversas alterações na AHR, principalmente porque foi nessa data que aconteceu uma grande mudança no corpo editorial do periódico e que o restante dos direitos<sup>73</sup> dela passaram oficialmente para a

---

<sup>72</sup> Idem, p. 63.

<sup>73</sup> Me refiro aqui à direitos financeiros, que davam poder para os editores fundadores de tomar decisões econômicas importantes na revista.

*American Historical Association*, dando permissão real da associação de chamar a revista de sua e realizar alterações significativas que viriam posteriormente. Até este momento, parte dos direitos da revista ainda estavam com o corpo de editores originais. Todos eles eram historiadores bastante estimados na época e se organizaram para criar a AHR bancando os primeiros anos da mesma com dinheiro do próprio bolso, depois que ela passou a ser financiada pela AHA, parte dos direitos da mesma passou para a associação, mas os editores originais continuaram com um pedaço significativo.

Este corpo de editores permaneceu praticamente inalterado durante os primeiros vinte anos de vida da AHR. Jameson, que foi o primeiro editor chefe em 1895, deu lugar a Andrew C. McLaughlin em 1901, o mesmo permaneceu até 1904 devolvendo a posição a Jameson que só saiu do seu posto novamente em 1928. O corpo de editores sofreu poucas alterações, tendo, porém, a entrada marcante de Frederick Jackson Turner em 1910. Essa permanência de praticamente os mesmos editores durante vinte anos, entretanto, desagradou um grupo particular de historiadores americanos que acusavam Jameson e seus companheiros de formarem uma *cúpula* que mantinha controle da revista a partir da escolha de presidentes da AHA<sup>74</sup>. O principal e mais eloquente crítico de Jameson e o seu grupo, fora Frederic Bancroft que ainda em 1915 produziu diversos panfletos intitulados *Porque a American Historical Association Precisa de Uma Profunda Reorganização*. Frederic defendia que os membros da *cúpula* de Jameson, composta, segundo ele, por Frederick Jackson Turner, Andrew C. McLaughlin, George Lincoln Burr, Charles Homer Haskins e mais alguns notáveis nomes da profissão, utilizavam da sua influência para indicar e escolher presidentes da associação gerando um grande problema de representatividade.

Frederic constantemente fazia acusações do tipo “a oligarquia faz o que ela quiser”, “Nós somos comandados por uma aliança das grandes universidades” e “você tem que ter a confiança da velha guarda” quando se referia à Jameson e seus aliados.<sup>75</sup> As acusações acabaram ganhando força e um comitê foi

---

<sup>74</sup> PALMER, R. R. *The American Historical Association in 1970*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 76, n.01, 1971. Pp. 1-15.

<sup>75</sup> *Idem*, p. 5.

formado para avaliar e realizar mudanças na associação e na revista. A partir daí uma nova constituição foi formada em 1916, permanecendo em vigor ainda por várias décadas, salve algumas emendas.

Foi nesse período que ex-presidentes, ao invés de permanecerem como membros votantes do Conselho a vida inteira, estariam limitados a três anos. [...] O número de membros eleitos do Conselho, sendo diferentes de oficiais e ex-presidentes, fora aumentado de seis para oito. [...] Foi ainda em 1916 que um comitê de nomeação foi criado, ele deveria ser eleito e responderia aos membros da Associação, assim seria completamente independente dos membros oficiais e do Conselho.<sup>76</sup>

As mudanças realizadas na AHA não foram o suficiente para retirar Jameson do comando da revista, que permaneceu no cargo de editor chefe até 1928, porém foram o suficiente para causar as primeiras grandes alterações no restante do corpo editorial e na estrutura da revista. Os novos editores eram: Carl Becker; Edward P. Cheyney; Ephraim Emerton; James H. Robinson e Claude H. Van Tyne.

Coincidentemente, nesse período de turbulências que a AHA e a AHR estavam passando, acontecia ao mesmo tempo um grande evento de proporções globais estava em plena atividade: a primeira Guerra mundial. A revista, é claro, sendo o maior periódico de história existente nos EUA naquela época, seria o principal palco para que os historiadores pudessem debater e publicar trabalhos que teriam alguma relação com a grande guerra. Porém, o assunto demorou um pouco a aparecer nela.

É importante perceber que ainda havia uma grande dificuldade de acesso à informação na época, pois como não existia *internet*, celulares ou televisão, a principal fonte de informações de conflitos que ocorriam ao redor do mundo

---

<sup>76</sup> Ibid., p. 6. Tradução livre: "It was at this time that ex-presidents, instead of remaining as voting members of the Council for life, were limited to three years. [...] Elected members of the Council, as distinct from officers and past presidents, were raised in number from six to eight. [...] It was also in 1916 that a nominating committee was first provided for, to be elected by and report to the members of the Association, and so to be completely independent from the officers and the Council."

ainda eram os jornais. O problema é que os jornais eram escritos pensando no público geral, leigo e que por isso não tinham um apressamento muito grande para os historiadores que buscavam debates mais profundos sobre os conflitos. A AHR buscou resolver tal problema, patrocinando pesquisadores para irem até as áreas de conflito realizar pesquisas. Estes pesquisadores então voltariam e publicariam em forma de artigo autoral os seus achados, o que tornava a revista uma importante plataforma de debate para todos aqueles que tinham acesso a ela. Entretanto, essas pesquisas demandavam tempo e cuidado e, por tal motivo, demoraram um pouco a estarem prontas para serem publicadas em periódicos acadêmicos.

A Guerra iniciou-se em 1914, mas nesses primeiros anos ela não foi muito comentada na revista. A primeira menção surgiu apenas em 1916 dois anos após o início do conflito. Apesar disso, ainda não se tratava de um artigo autoral. Foi aberta uma sessão especial na parte de *Historical News* chamada *The Great War* no qual eram divulgados o título de todos os trabalhos que eram produzidos sobre a guerra ao redor do mundo seguidos de uma pequena resenha. Essa parte era possivelmente para alertar os historiadores americanos das principais obras que estavam nascendo a partir do conflito. Resenhas de livros também começaram a surgir nesse ano, como a resenha da obra *The Diplomacy of the Great War*<sup>77</sup> de Arthur Bullard e resenhada por Amos S. Hersey no Vol. 22, No. 1 em 1916.

Os Estados Unidos entram efetivamente no conflito em abril de 1917 após declararem guerra ao Império Germânico. A partir daí a revista começa a se modificar mais fortemente se adaptando aos eventos que estavam acontecendo. Houve um aumento significativo de artigos publicados sobre a Alemanha. Esses artigos não necessariamente eram sobre a guerra, mas discutiam a história do país inimigo dos EUA naquele momento. Além disso, na sessão de *Historical News* daquele ano, houve um alerta sobre a queda significativa no número de publicações e documentos vindos da Europa, devido aos conflitos que lá aconteciam.

---

<sup>77</sup> BULLARD, Arthur. **The Diplomacy of the Great War**. New York: The Macmillan Company, 1916.

Em julho de 1917, poucos meses após a entrada dos EUA na guerra, Jameson escreve um pequeno texto na AHR intitulado *Historical Scholars in War-Time*<sup>78</sup> no qual ele ressaltava a importância dos historiadores durante épocas de guerra. Segundo ele, se o cientista é responsável por inovar e melhorar diretamente as tropas e a frente de batalha com novas tecnologias, o historiador é aquele que prepara e motiva o povo. É aquele que o convence das razões da guerra e ganha sua confiança.

Podemos aqui observar mais uma vez a importância do periódico acadêmico para a historiografia de um determinado país. As revistas eram o principal local em que os historiadores publicavam seus trabalhos e, em períodos conflituosos como o que estava ocorrendo, acabavam por se transformar em um palco de debates e troca de ideias em relação à guerra. Analisar um periódico durante um período de conflito significa, portanto, tentar perceber como os historiadores contemporâneos se comunicavam e reagiam aos eventos que estavam acontecendo ao seu redor.

O primeiro artigo autoral a ser publicado falando diretamente sobre a guerra foi o *The Kaiser's Secret Negotiations with the Ksar, 1904-1905*<sup>79</sup> publicado por Sydney B. Fay em 1918 e que discutia o relacionamento dos dois líderes e o impacto do mesmo nos países e na guerra. Em 1919, após o seu fim, iniciou-se um processo de maior participação da revista no que diz respeito a uma história sobre a primeira guerra mundial. Foi publicada um pequeno relatório no terceiro número da revista daquele ano intitulado *American Historical Association, 1919*<sup>80</sup> no qual o autor (não identificado) explicava os problemas e atrasos em certos lançamentos nos anos anteriores. O mesmo texto parabenizava a soltura dos professores americanos e membros da AHA, Paul Fredericq e Henri Pirenne que eram professores da Universidade de Gent na Bélgica e estavam presos na Alemanha a quase três anos. Além disso, se desculpavam pela primeira vez desde sua criação que a associação não havia

---

<sup>78</sup> JAMESON, J. Franklin. *Historical Scholars in War-Time*. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 22, n.04, 1917. Pp. 831-835.

<sup>79</sup> FAY, Sydney B. *The Kaiser's Secret Negotiations with the Ksar, 1904-1905*. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 24, n.01, 1918. Pp. 48-72.

<sup>80</sup> American Historical Association, 1919. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 24, n.03, 1919. Pp. 349-357.

feito uma reunião, em 1918. Por fim, ressaltavam a necessidade do ensino de história regular se adaptar a uma nova realidade, pois segundo eles após a Grande Guerra era indispensável a criação de uma disciplina de história recente nas escolas.

Ainda em 1919 o então coronel do Exército americano John R. M. Taylor publica um texto<sup>81</sup> na AHR explicando que, a pedido do governo americano, foi estabelecido um corpo de historiadores ligados ao exército que seriam responsáveis por criar uma história oficial da participação americana na guerra. O texto de Taylor busca, então, discutir como essa história oficial deveria ser escrita, pedindo opiniões e sugerindo um possível debate entre os leitores da AHR. O objetivo final, segundo Taylor, seria o de deixar uma obra capaz de não só falar das particularidades do Exército e dos eventos singulares da guerra, mas também das questões mais gerais que a circularam. A obra final seria então dividida em 17 volumes de mais ou menos 250.000 palavras cada.<sup>82</sup>

Podemos então notar como a revista de história se modifica e se adapta perante os conflitos e rupturas que ocorrem ao redor do mundo, e como ao realizar essas mudanças elas se tornaram imprescindíveis para os historiadores da época debaterem suas ideias e circularem as informações relevantes. A revista não só permitiu que esses historiadores discutissem sobre os eventos que estavam ocorrendo, mas também forneceu um local para decidir como seriam as publicações e como o ensino de história teria que ser modificado.

Estes dois capítulos iniciais tiveram como pretensão tentar mostrar ao leitor qual era o cenário historiográfico americano na virada do século XIX para o XX, através do estudo do seu passado. Conseguimos perceber as principais influências e mudanças que ocorreram ao longo do século XIX nos EUA, prestando atenção para os indivíduos e instituições que participaram do rápido processo de evolução profissional do historiador estadunidense. Agora que

---

<sup>81</sup> TAYLOR, John R. M. *The History of the War of 1917*. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 24, n.04, 1919. Pp. 637-640.

<sup>82</sup> Essa história oficial veio a ser, por fim, compilada em 18 volumes preparados pela *Historical Section of the Army War College*. Os volumes foram numerados de 1 a 17, com o volume 10 sendo dividido em duas partes. A versão mais antiga que pude encontrar data de 1948.

percebemos como a historiografia americana se modificou e quais foram as circunstâncias que levaram à criação e consolidação da *American Historical Review* como principal periódico historiográfico norte-americano, podemos partir para uma análise profunda da revista.

No capítulo seguinte iremos realizar um estudo da *American Historical Review*, através de um mapeamento dos seus vinte anos iniciais (1895 -1915). O estudo tentará identificar questões como os autores que mais publicavam, os principais editores, o recorte temporal e espacial mais estudado, a distribuição de trabalho por idade, gênero e raça, além de é claro identificar as principais mudanças que ocorreram na revista ao longo dessas duas primeiras décadas de sua existência.

### CAPÍTULO III: MAPEAMENTO E PERFIL DA AHR

O artigo de abertura publicado na *American Historical Review* foi o já citado *History and Democracy*<sup>83</sup> e escrito por William M. Sloane, um dos membros do corpo editorial da revista. O artigo, além de criticar a superespecialização que estava se formalizando na historiografia americana naquela época, buscava demonstrar três coisas: o que a história havia alcançado em anos recentes graças à contribuição entre as ciências, a necessidade de um conhecimento histórico mais expressivo para participação no governo democrático, e o encorajamento de que a democracia americana seria favorável ao desenvolvimento do trabalho histórico entre os historiadores e que tal trabalho seria marcado não só por méritos sólidos, mas por uma excelência literária. Tal artigo, usado como abertura e, conseqüentemente, apresentação da revista ao público, consegue demonstrar claramente qual seria o perfil da AHR dali em diante. Na primeira circular publicada pelo corpo de editores formados para a criação da revista dizia:

Os três critérios de contribuição para a *Review* são: eles devem ser novos e originais em conteúdo; eles devem ser produto de uma escolaridade de ponta; e eles devem possuir um distinto mérito literário. Artigos que preencherem essas condições serão bem-vindos independente do campo da história.<sup>84</sup>

Essas exigências permaneceram como as únicas durante quase toda a existência da AHR, com apenas algumas alterações futuras necessárias pela conjuntura da época. Isso nos demonstra claramente a vontade de criar uma plataforma ampla, que abordasse todo tipo de tema, área do conhecimento, recorte temporal e espacial estudado, sendo assim não é estranho perceber a quantidade enorme de autores diferentes que publicaram na revista nos seus primeiros 20 anos de existência e a quantidade de temas diferentes que eram publicados, sem sequer obedecer um padrão específico em um mesmo

---

<sup>83</sup> SLOANE, op. cit.

<sup>84</sup> JAMESON, John F. **The American Historical Review, 1895-1920**. Oxford University Press: The American Historical Review, Vol. 26, n.1, 1920. Pp. 1-17. Tradução livre: "the three criteria for contributions to the *Review* are: that they shall be fresh and original in treatment; that they shall be the result of accurate scholarship; and that they shall have distinct literary merit. Articles which fulfill these conditions will be welcomed on any field of history."



número. Na realidade era um nível de liberdade tão grande para a época (principalmente nos EUA, acostumado a ter revistas menores de assuntos extremamente específicos) que mesmo intelectuais de outras áreas eram convidados e incentivados a enviar trabalhos para publicação, como é o caso do geógrafo Ellsworth Huntington que publicou em 1913 no segundo número do 18º volume da revista um artigo intitulado *Changes of Climate and History*<sup>85</sup> que buscava mostrar a importância de perceber como as mudanças climáticas em regiões específicas foram determinantes em diversos momentos da história da humanidade.

Apesar dessa enorme diversidade de temas e autores, acreditamos ser possível encontrar um perfil ou um padrão na revista através de um mapeamento detalhado dos seus primeiros 20 anos de existência, e a partir desse perfil, conseguiremos visualizar quais eram as principais características da historiografia americana no fim do século XIX e início do XX, permitindo-nos mostrar a capacidade que o estudo de um periódico acadêmico tem na análise do trabalho de historiadores de determinadas épocas.

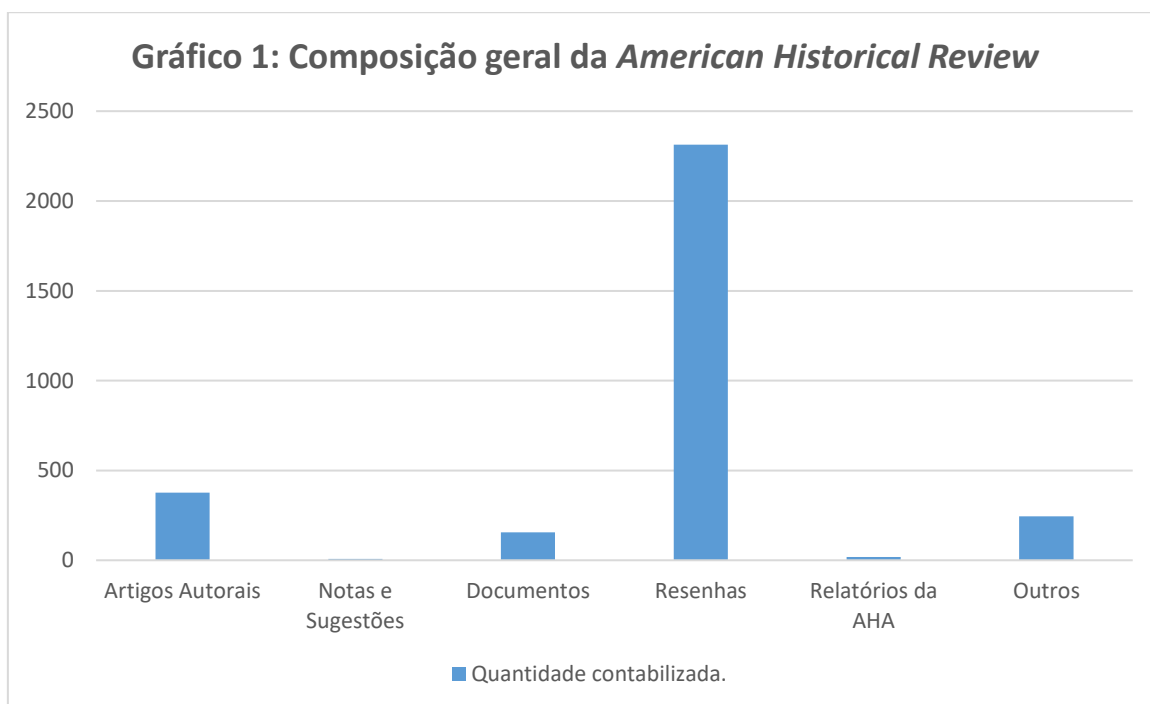
De 1895 a 1915 foram publicados vinte volumes da *American Historical Review* divididos em quatro revistas por ano, publicadas nos meses de janeiro, abril, julho e outubro. Isso significa que o mapeamento fora realizado a partir de oitenta revistas diferentes que abrigavam em seu corpo um número expressivo de artigos autorais, resenhas, documentos, notícias, anúncios, erratas e listas bibliográficas. Assim o processo inicial de pesquisa foi o de quantificação desse tipo variado de publicação, mas como o objetivo principal do mapeamento fora o de compreender a revista e criar um perfil da historiografia americana da época, o foco do mapeamento se repousou sobre os mais de 370 artigos autorais que foram publicados nesses 20 anos. Diferente das resenhas, documentos e outros tipos de publicação que apareciam na revista, os artigos autorais eram dos mais variados e nos permitiram enxergar com mais clareza o tipo de trabalho que cada historiador publicava na revista. Assim, os artigos autorais foram analisados separadamente, buscando identificar qual o recorte temporal utilizado, qual o recorte espacial, quais as áreas mais investigadas,

---

<sup>85</sup> HUNTINGTON, Ellsworth. *Changes of Climate and History*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.2, 1913. Pp. 213-232.

quais as temáticas predominantes, quais os campos da história mais estudados e quais os países contemplados. Respondendo essas perguntas, o último processo do mapeamento se iniciou, no qual transformamos todos os dados quantitativos coletados em tabelas para uma visualização mais fácil de um possível padrão existente para que nós pudéssemos identificar, por fim, qual seria a fisionomia da historiografia dos Estados Unidos no final do XIX e início do XX.

### Composição geral da revista.



Nos oitenta volumes publicados nesses primeiros vinte anos de existência da revista, foram contabilizados, 377 artigos autorais, sete publicações na sessão de *Notas e Sugestões*, 156 documentos, 2313 resenhas, 18 relatórios das reuniões anuais da AHA e 245 publicações que aqui classifiquei como *Outros*,<sup>86</sup>

<sup>86</sup> *Outros* inclui *Volume Information* que geralmente abre a revista com um título, editores e sumário; *Notes and News* (posteriormente renomeado para *Historical News*) uma parte

pois, são publicações que acontecem em todos os números da revista e sem variação de quantidade, possuindo pouca relevância para o objetivo proposto.

A parte de *Notas e Sugestões* possui poucas publicações, pois, só começou a aparecer na revista em 1915, no segundo número do 20º volume da revista. Ela surgiu após a reconfiguração da revista com o novo corpo de editores e tinha como pretensão:

que se publique em cada número da *Review*, a partir de agora, três ou quatro ou cinco breves contribuições para que investigadores históricos possam se comunicar de novas descobertas, novas críticas de fontes, novos argumentos, novas conclusões, ou sugestões para mais pesquisas e discussões. Espera-se que a adição ao “corpo de artigos”, desse novo departamento ou grupo de comunicações breves – peltastas reforçando os convencionais hoplitas da pesquisa, corvetas apoiando os tradicionais triplexes – podem fazer o arranjo geral mais móvel e efetivo, e podem encorajar na profissão histórica uma íntima e livre troca de resultados e opiniões. Mas também é desejável que todos que nos agraciarem com tais notas sejam breves em seus apontamentos.<sup>87</sup>

A adição dessa parte na revista é apenas mais uma amostra da tentativa de criação de um meio favorável que permitisse aos historiadores se comunicarem de maneira mais prática. Devemos lembrar que estamos falando de uma época na qual a comunicação não era imediata e as grandes convenções de história como as reuniões anuais da AHA não conseguiam atender a todos os historiadores americanos, tendo em vista que o território estadunidense é imenso e realizar as reuniões no leste do país, por exemplo, significava deixar

---

responsável por informar sobre as principais novidades, acontecimentos, morte de autores importantes, e outros assuntos que discutem sobre o mundo da história e das disciplinas humanas em geral, mas sem grande análise. Tais informações geralmente eram divididas de acordo com cada país, ou grupo de países; *Minor Notices* onde se publicava sobre novos lançamentos de obras e erratas quanto à críticas e resenhas publicadas anteriormente; *Communications* que aparecia esporadicamente e focava-se em pequenos comentários de leitores do mundo inteiro sobre os artigos e resenhas publicadas na revista nos números anteriores; e *Bibliographical* que busca anunciar a aquisição e publicação de novos documentos além de criar um inventário para deixar em registro o acervo adquirido pela AHA.

<sup>87</sup> BALDWIN, James F. *Concilium and Consilium*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 20, n.2, 1915. Pp. 330.

grande parte dos pesquisadores da região oeste de fora, e vice-versa. Sendo assim, permitir que debates, sugestões e apontamentos acontecessem na AHR era o mesmo que possibilitar a aproximação dos historiadores ao redor do país e ainda divulgar o debate que era feito para todos aqueles que tinham acesso à revista. Esse é mais um exemplo da AHR sendo usada como uma das principais plataformas de debates e discussões históricas dos EUA naquela época.

Vale ressaltar, também, que antes mesmo da revista acrescentar a seção de *Notas e Sugestões*, já havia o esforço de tentar estimular esse tipo de debate, através de uma parte denominada *Communications*, leitores do mundo inteiro poderiam escrever para a revista dando opiniões, sugestões, pareceres sobre artigos e contribuições que achassem necessárias. Essa parte, porém, era mais breve, e diferentemente da *Notas e Sugestões* aceitava comentários de todos tipo de público, seja historiador ou não. Além de seções dedicadas exclusivamente para o debate e a troca de sugestões, alguns momentos específicos da história da revista demonstram muito claramente como ela era usada para a comunicação entre os historiadores. Junto com a publicação do 10º volume da revista, em 1905, por exemplo, fora publicado um *General Index* preparado por David Maydole Matteson e com o propósito de “apresentar uma análise dos artigos e documentos existentes nos primeiros 10 volumes da revista”<sup>88</sup>. Trata-se de um extenso documento de mais de 160 páginas onde o autor lista, em ordem alfabética, todos aqueles que publicaram resenhas e artigos, e qual o ano e a página em que a publicação está na revista. Além disso, Matteson realiza, esporadicamente, comentários sobre as resenhas que o mesmo achou mais relevantes. Este tipo de inventário aparentemente deveria acontecer a cada dez anos<sup>89</sup>, e mostra uma preocupação clara em organizar e mostrar transparência a todos os leitores sobre os trabalhos que estavam sendo feitos.

---

<sup>88</sup> MATTESON, David Maydole. *General Index to Volumes I – X: 1895 – 1905*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 10, 1905. Pp. 1 -164.

<sup>89</sup> Não fora encontrada a publicação do *General Index* do ano de 1915, mas há uma menção da mesma na revista de número quatro do seu vigésimo volume. Possivelmente, a principal fonte de onde a revista pode ser acessada hoje, o site JStor (<https://www.jstor.org/journal/amerhistrevi>), não conseguiu ter acesso ao documento para poder disponibilizá-lo. Em 1925 a publicação ocorreu normalmente.

Outro exemplo da possibilidade de usar a revista como plataforma de debates foi a utilização da mesma para discutir ou criticar a situação do trabalho histórico nos EUA na primeira década do século XX. Em 1912, Waldo Gifford Leland publicou um artigo intitulado *The National Archives: A Programme*<sup>90</sup> no qual ele discute a então atual situação da manutenção dos documentos e dos arquivos nos EUA e como isso afetava os estudos históricos do país, convidando seus colegas a debater e dar sugestões sobre como lidar com o problema.

Como último exemplo, em agosto de 1908 aconteceu o Quarto Congresso Internacional de História em Berlim, e um relatório em forma de artigo autoral fora publicado na AHR por Charles H. Haskins<sup>91</sup>. O primeiro congresso aconteceu na cidade de Haia na Holanda em 1898, o segundo em Paris no ano de 1900 e o terceiro em Roma em 1903. A partir do quarto congresso, começou-se a publicar relatórios sobre o mesmo na AHR e a convidar os participantes a publicar os seus trabalhos na revista, o que é mais uma demonstração da vontade de circular as ideias, criar laços e tornar possível o debate entre os trabalhos não só de historiadores americanos mais do mundo inteiro. Não apenas isso, mas publicando os trabalhos na AHR, os americanos que não tiveram como participar dos congressos na Europa agora poderiam ter acesso às principais discussões sobre história que aconteciam no velho continente. Ou seja, a revista americana de história, a partir daí, passou a ser não só uma plataforma de comunicação entre historiadores americanos, mas também um portão de fácil acesso para os debates que estavam acontecendo na Europa. Vários *papers* que foram lidos durante a convenção internacional, foram publicados na AHR em forma de artigo autoral nos números subsequentes da revista, o que aumentou consideravelmente a presença de estrangeiros na mesma<sup>92</sup>. Em 1913 ocorreu o quinto congresso internacional

---

<sup>90</sup>LELAND, Waldo G. *The National Archives: A Programme*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.01, 1912. Pp. 1-28.

<sup>91</sup>HASKINS, Charles H. *The International Historical Congress at Berlim*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 14, n.01, 1908. Pp. 1-8.

<sup>92</sup> Podemos citar, como exemplo de autores estrangeiros que publicaram na revista na época dos congressos internacionais: Ettore Pais (Italiano), Gerhard Seeliger (Alemão), Alexander Bugge (Norueguês), J. Holland Rose (Inglês), Henri Pirenne (Belga), Ernst Daenell (Alemão), Frederik Pijper (Holandês) e Moisey Ostrogorski (Russo)

em Londres e mais uma vez um relatório foi publicado na revista no número 4, volume 18, publicada no mesmo ano<sup>93</sup>.

Voltando para a composição da revista, a parte de documentos incluía diversos tipos de arquivos considerados importantes e que eram encontrados ou fornecidos a membros da AHA que, para dar acesso ao maior número possível de pesquisadores, eram publicados na AHR. Dos 156 documentos publicados até o vigésimo volume da revista, 66 eram cartas, 12 diários, uma entrevista e 77 documentos gerais (documentos militares, de governo ou de algum indivíduo específico). Destaca-se o considerável número de cartas e documentos militares da própria história americana dos séculos anteriores, que com certeza foram fontes importantíssimas para a realização de pesquisas sobre a História dos Estados Unidos e seus eventos militares. Acredito que é seguro dizer que a parte de documentos era uma das mais importantes de toda a revista, pois tornava acessível inúmeras fontes ao maior número possível de historiadores nos EUA. Vale ressaltar que a busca, manutenção e publicação desses documentos só se tornou possível após a incorporação da AHA pelo governo americano, já que houve um aumento substancial dos recursos da associação, permitindo que esse tipo de atividade ocorresse.

Após a *American Historical Review* ser incorporada pela associação, os relatórios das reuniões passaram a ser publicadas na mesma, assim, o primeiro relatório da AHA a ser impresso na revista foi no terceiro número do terceiro volume, em 1898. O segundo relatório a ser publicado fora no terceiro número do quarto volume em abril de 1899. A partir daí, em todo terceiro número de cada volume da AHR era publicado o relatório da reunião da AHA daquele ano, em formato de artigo autoral. Possivelmente, os objetivos principais de publicar relatórios regulares das reuniões da AHA eram o de realizar um registro formal delas e tornar tais registros públicos e de fácil acesso a um número de pessoas muito maior do que aquele que tinha condições de participar de todas as reuniões. Isso, mais uma vez, é uma forma clara de tentar democratizar os principais debates e decisões tomadas pela associação, já que a forma mais fácil de acessar esse tipo de informação

---

<sup>93</sup> JAMESON, John F. *The International Congress of Historical Studies, Held at London*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.04, 1913. Pp. 679-691.

naquela época era a AHR por ter uma larga publicação em todo o território americano.

No segundo número do volume 19 da revista, lançado em 1914, começou-se a publicar listas de dissertações e teses de doutorado da área de história<sup>94</sup>. No início da lista, explica-se que a prática de compilar esses trabalhos era feita por Jameson e se iniciou ainda em 1897 mas circulava apenas entre os professores em forma de um arquivo separado. Em 1902 as listas começaram a ser publicadas nas universidades e em 1912 houve uma publicação na *History Teacher's Magazine*, uma importante revista da época fundada em 1909 que tinha como público alvo os professores de história das universidades e do ensino básico em geral. Posteriormente a lista começou a ser publicada na AHR. Essa lista era bastante completa e separava os trabalhos por recorte temporal ou espacial. É possível notar claramente o grande número de dissertações cujo tema era a história dos EUA ou Inglaterra, o que demonstra uma clara preferência dos pesquisadores da época sobre este recorte espacial.

Podemos perceber através do Gráfico 1, que o número de resenhas publicadas excedia e muito o número das outras publicações, sendo que neste período de vinte anos de revista, ultrapassou a marca de duas mil. As resenhas não possuem a mesma profundidade que artigos autorais no que diz respeito a nos permitir perceber quais as características de um determinado autor no seu processo de trabalho, mas elas foram muito importantes no processo de consolidação da AHR na época pois eram a principal fonte de recepção de trabalhos da revista, sendo que a cada número eram publicadas cerca de 30 resenhas de obras do mundo inteiro, um número bastante considerável para a época.

A partir do 11º volume da AHR, em 1906, Jameson assumiu novamente o posto de editor chefe e realiza a primeira mudança na estrutura da revista, dividindo as resenhas publicadas por temas. As divisões eram: *Obras Gerais e Obras sobre História Antiga; Obras de História Medieval e História Moderna na Europa; e Obras de História Americana*. Essa divisão consegue nos mostrar

---

<sup>94</sup> Oxford University Press on behalf of the American Historical Association. List of Doctoral Dissertations. In: **The American Historical Review**, Vol. 19, No. 2, janeiro de 1914. Pp. 450-456.

muito bem qual o principal interesse dos historiadores americanos e quais os tipos de obras eles achavam que valiam a pena ser resenhadas ou não, destacando-se a ausência de divisões específicas para resenhas de livros sobre história da Ásia, África ou América-Latina. Também em 1906, as primeiras resenhas de livros escolares começaram a aparecer na AHR, dando luz a uma já antiga vontade de Jameson de aproximar a Associação e a revista à disciplina histórica ensinada nas escolas. Essas resenhas dos livros escolares tinham uma importância marcante, pois, permitiam aos professores do país inteiro decidirem quais as melhores obras a serem utilizadas em suas aulas, e essa decisão seria tomada de maneira quase que uniforme, tendo o respaldo de toda uma associação por trás e esse respaldo seria transmitido ao público pela AHR.

E por fim, temos os artigos autorais, que compõem talvez a parte mais importante da revista para a nossa pesquisa, já que são esses artigos que analisamos e nos quais buscamos encontrar algumas características de cada autor a partir da sua publicação e até mesmo uma aproximação da fisionomia mais geral do periódico. Foram publicados ao todo 377 artigos nesses primeiros 20 anos, todos compondo a primeira parte da revista e obedecendo as mesmas regras de formatação e publicação. Por esse motivo, alguns artigos autorais eram divididos em duas partes, sendo publicados em números subsequentes. Isso acontecia devido ao fato de que as publicações tinham um limite de páginas<sup>95</sup>. Os artigos não obedeciam nenhuma regra temática de publicação, a única regra era a de publicar algo inédito e de qualidade, por tal motivo era comum vermos artigos de temas e recortes completamente diferentes em um mesmo número.

Essa grande variedade de artigos torna difícil tentar achar uma prática textual comum entre todos os autores que publicaram na revista. Não só o número de autores diferentes foi muito grande, como os temas que eles escreviam eram os mais variados. Entretanto, sabemos que, naquela época, o que estava em

---

<sup>95</sup> Os artigos tinham em média vinte páginas, nunca ultrapassando trinta e tinham que ser publicados em inglês. As referências seriam dadas em forma de nota de rodapé ao fim da página. Temos uma única publicação em outra língua (espanhol) ainda no primeiro ano de publicação no segundo número da revista. LEA, Henry Charles. Acta Capitular del Cabildo de Sevilla. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 1, No. 2 1896. Pp. 220.



voga era a escrita de uma história extremamente especializada, com um alto rigor técnico e forte atenção aos detalhes. Apesar disso ainda existia uma preocupação legítima em escrever para um público leigo e variado, principalmente por conta do aumento do interesse público em ler história<sup>96</sup>, o que faz com que os textos, em sua maioria, possuíssem uma linguagem simples e direta.

Um fato interessante é que todo ano o presidente da *American Historical Association* mudava, e durante as reuniões anuais o novo presidente apresentava um trabalho, chamado de *Presidential Address*<sup>97</sup> que consistia basicamente de um artigo teórico que tinha a pretensão de analisar e/ou criticar a situação atual da época em relação ao trabalho histórico ou apresentar uma nova forma de estudar e escrever história. Tais trabalhos eram costumeiramente publicados na *American Historical Review* assim que possível e consistiam nas principais produções sobre Teoria e Metodologia da História presentes na revista. Vale destacar o artigo de abertura do terceiro número do 18º volume da revista em 1913 intitulado *History as Literature*<sup>98</sup> e escrito pelo então ex-presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt que havia concluído seu mandato quatro anos antes. O artigo foi o seu *Presidential Address* de 1912 o ano em que fora presidente da associação e defendia a ideia de que o domínio da literatura deveria se estender cada vez mais sobre os domínios da história e ciência.

---

<sup>96</sup> TYRRELL, op. cit., p. 44.

<sup>97</sup> Os "*Presidential Addresses*" possuem uma importância significativa não só na história da revista, mas também na história da associação, esses trabalhos eram apresentados nas últimas reuniões do mandato do então presidente da AHA e basicamente indicavam quais as perspectivas e anseios do presidente que liderou a associação naquele ano, por tal motivo eles recebiam uma atenção especial de todos os historiadores da época. Todos os "*Presidential Addresses*" são mantidos em arquivo público pela AHA e podem ser acessados livremente no site deles ou pelo seguinte link: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/by-year#1880s>.

<sup>98</sup> ROOSEVELT, Theodore. *History as Literature*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.03, 1913. Pp. 473-489.

## Analisando os artigos autorais da AHR



Antes de mais nada, é preciso ressaltar que por várias vezes os artigos poderiam acoplar mais de um recorte espacial, temporal ou algo do tipo, como exemplo podemos citar *Frederick the Great and the American Revolution*<sup>99</sup> publicado em 1904, e que fala tanto de uma história prussiana quanto americana. Outro exemplo é o artigo *The United States and Spain in 1822*<sup>100</sup> de William Robertson publicado no número 04 do 20º Volume da revista em 1915.

No Gráfico 2 podemos perceber uma clara preferência dos historiadores americanos em escrever uma história dos EUA e da Europa, estando praticamente empatados em termos de quantidade. Foram ao todo 163 artigos publicados sobre Europa e 160 sobre os EUA o que configura mais de 85% de todas as publicações da AHR nesses primeiros vinte anos. É interessante reparar, porém, que o número de publicações sobre História da Europa supera o de Estados Unidos, provavelmente porque existiam diversas outras

<sup>99</sup> HAWORTH, Paul L. *Frederick the Great and the American Revolution*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 09, n.03, 1904. Pp. 460-478.

<sup>100</sup> ROBERTSON, William S. *The United States and Spain in 1822*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 20, n.04, 1915. Pp. 781-800.

associações e pequenas revistas nos EUA que publicavam histórias regionais, o que significa que existia um número muito maior de lugares onde os autores poderiam publicar sobre História dos EUA do que Europa. Como exemplo podemos citar a *American Economic Association*, *The American Political Science Association*, *The Mississippi Valley Historical Association*, *The New England History Teacher's Association*, *The American Sociological Society*, e a *The American Statistical Association*. Tais associações tinham um poder e um alcance bem inferior que a AHA e a AHR, mas, serviam como mais uma opção para aqueles historiadores que estudavam uma História americana, sendo talvez uma opção mais fácil de publicar trabalhos, já que a AHR, por ser a maior e mais famosa, também era a mais concorrida.

Quanto à História da América (países do continente americano que não são os EUA) e da Ásia temos um número bastante baixo, de 12 e 10 publicações respectivamente. Esse baixo número é compreensível, visto que havia uma baixa quantidade de especialistas em tais áreas e a gigantesca maioria dos historiadores americanos tiveram a sua formação acadêmica na Europa e nos EUA. O primeiro artigo sobre América foi publicado no terceiro número do quarto volume da revista em 1899 por George Lincoln Burr e se intitulava *The search for the Venezuela-Guiana Boundary*<sup>101</sup>. Esse artigo fora anteriormente lido em uma das reuniões da AHA e era um trabalho de história recente, discutindo a crise Venezuelana ocorrida poucos anos antes em 1895 que se tratava de uma disputa territorial entre a Venezuela e a Inglaterra sobre uma região então conhecida como *Guayana Esequiba*. Tal disputa despertava um interesse particular dos historiadores estadunidenses, pois, o embaixador e lobista americano William L. Scruggs, que defendia os interesses venezuelanos, argumentava que o posicionamento britânico violava a Doutrina Monroe de 1823, isso fez com que o governo americano se envolvesse no assunto e o então presidente Grover Cleveland declarou o interesse americano em intervir em disputas no continente. A crise se arrastou por mais alguns anos até que o governo britânico aceitou as demandas de Cleveland pela arbitragem

---

<sup>101</sup> BURR, George L. *The search for the Venezuela-Guiana Boundary*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 04, n.03, 1899. Pp. 470-477.

de todo o território.<sup>102</sup> Tal episódio é um marco no que diz respeito às relações internacionais entre os Estados Unidos e os demais países latino-americanos, e por ter tamanha importância ganhou espaço imediato dentre as publicações na AHR.

Esses artigos escritos sobre uma história recente são mais comuns do que se esperava. Um outro exemplo são as publicações sobre História da África, que apesar de serem pouquíssimas (apenas dois artigos nesses 20 anos iniciais de revista) são exemplos curiosos do uso da AHR como plataforma de debate de acontecimentos mundiais importantes da época.

Os artigos que falavam de uma história do século XX, por exemplo, começaram a ser publicados ainda em 1907 no segundo número do 12º volume da revista<sup>103</sup>. Tratava-se de um artigo sobre a História da África, escrito por um autor que usou o pseudônimo *A British Officer* e supostamente “foi comissionado pela AHR para realizar um relatório sobre o estado da literatura da guerra sul-africana”<sup>104</sup>. Este mesmo autor apareceria novamente no Volume 16 em 1911<sup>105</sup>, dessa vez discutindo sobre a literatura da então recente guerra Russo-Japonesa. Talvez a escolha de utilizar um pseudônimo seja justamente para proteger a sua identidade ao estar realizando as pesquisas em locais que estavam sob conflito.

A figura desse *British Officer* é no mínimo peculiar, pois não existe nenhum dado ou estudo profundo sobre quem ele realmente era e como trabalhava, não sabemos sequer responder por que a escolha desse pseudônimo em particular. Sabe-se apenas que exercia sua função a pedido da AHR e que, para realizar o seu trabalho com eficiência, realizando suas pesquisas nos locais dos conflitos em que esteve. Infelizmente sabemos pouco sobre sua real identidade, mas a presença dele nos dá uma informação deveras interessante:

---

<sup>102</sup> Para uma leitura mais aprofundada sobre a crise da Venezuela de 1895 ver HUMPHREYS, R. A. "**Anglo-American Rivalries and the Venezuela Crisis of 1895**". Presidential Address to the Royal Historical Society. Dezembro: 1966. Pp. 131-164

<sup>103</sup> OFFICER, A British. *The Literature of the South-African War, 1899-1902*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 12, n.02, 1907. Pp. 299-321.

<sup>104</sup> DONALDSON, Peter. **Remembering the South African War: Britain and the Memory of the Anglo-Boer War; from 1899 to the present**. Liverpool University Press. 2013. Pp. 132.

<sup>105</sup> OFFICER, A British. *The Literature of the Russo-Japanese War, I*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 16, n.03, 1911. Pp. 508-528.

não só havia um interesse evidente dos historiadores norte-americanos da época sobre os conflitos que estavam acontecendo ao redor do mundo, como eles também estavam dispostos a financiar pesquisas que levariam especialistas aos locais de conflito. Toda essa pesquisa então, seria disponibilizada na revista em forma de artigos autorais para que todos os interessados tivessem acesso a ela e um debate mais aprofundado sobre esses conflitos pudesse ocorrer.

Mais uma vez, conseguimos enxergar aqui como a *American Historical Review* foi imprescindível para a historiografia americana do fim do século XIX e início do XX, pois além dos recursos e aspectos desse periódico que já foram discutidos ao longo dessa dissertação, a AHR era o palco em que os principais conflitos políticos, sociais e militares que ocorriam ao redor do mundo na época, poderiam ser discutidos a nível acadêmico.



Dentre os países mais citados nos artigos destacam-se Estados Unidos com 160 menções, Inglaterra com 73, França com 39, Alemanha com 16, Espanha com 15 e Itália com 09. Ao todo foram 33 países diferentes sendo que a maioria deles recebeu apenas uma ou duas menções, o que mais uma vez destaca a natureza geral da revista. É completamente compreensível o motivo

de Inglaterra e Estados Unidos estarem no topo das menções, visto que a gigantesca maioria dos pesquisadores americanos estudavam o seu país de origem, seja em épocas mais recentes, seja durante o período colonial, o que leva a entender também o foco na Inglaterra já que a mesma foi responsável pelo processo de colonização do território norte-americano. O interesse na França, Alemanha e Espanha estava comumente ligado aos estudos sobre História Moderna, que também eram majoritários na revista. Diversos outros países da Europa também foram citados, mas em sua maioria não eram o foco do artigo, aparecendo para ressaltar alguma relação diplomática e/ou militar com os outros países mais mencionados, como é o caso de Irlanda, Escócia e Holanda por exemplo.

Na África temos a presença de África do Sul, Marrocos e Egito. Na Ásia são citados China cinco vezes, além de Índia e Japão com uma menção cada. Esses países apareceram muito pouco e eram tratados em artigos muito específicos, geralmente escritos por estrangeiros convidados que falavam sobre a história do seu país de origem. Quanto à América-Latina, o país mais citado é o México com sete menções seguido por Venezuela e Guiana com duas menções cada.

A primeira e única vez que o Brasil foi mencionado na revista nesses primeiros 20 anos de existência foi em 1909 no primeiro número do 15º Volume. O artigo, intitulado *The Share of America in Civilization*<sup>106</sup> discutia sobre o impacto da “descoberta da América” e qual a sua importância para a humanidade, ele foi escrito pelo brasileiro Joaquim Nabuco, famoso historiador, político e jornalista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Nabuco serviu como embaixador nos Estados Unidos durante o período de 1905 até 1910, onde se tornou um grande propagador dos *Lusíadas* de Camões, tendo pronunciado três conferências em Inglês sobre o poema sendo a mais famosa *The Place of Camões in Literature*<sup>107</sup>. Nabuco morreu em Washington poucos meses depois da publicação do seu artigo na revista, em janeiro de 1910. Na sessão de *Notes and News* da revista No.3 do Volume 15, publicada em 1910 a morte de

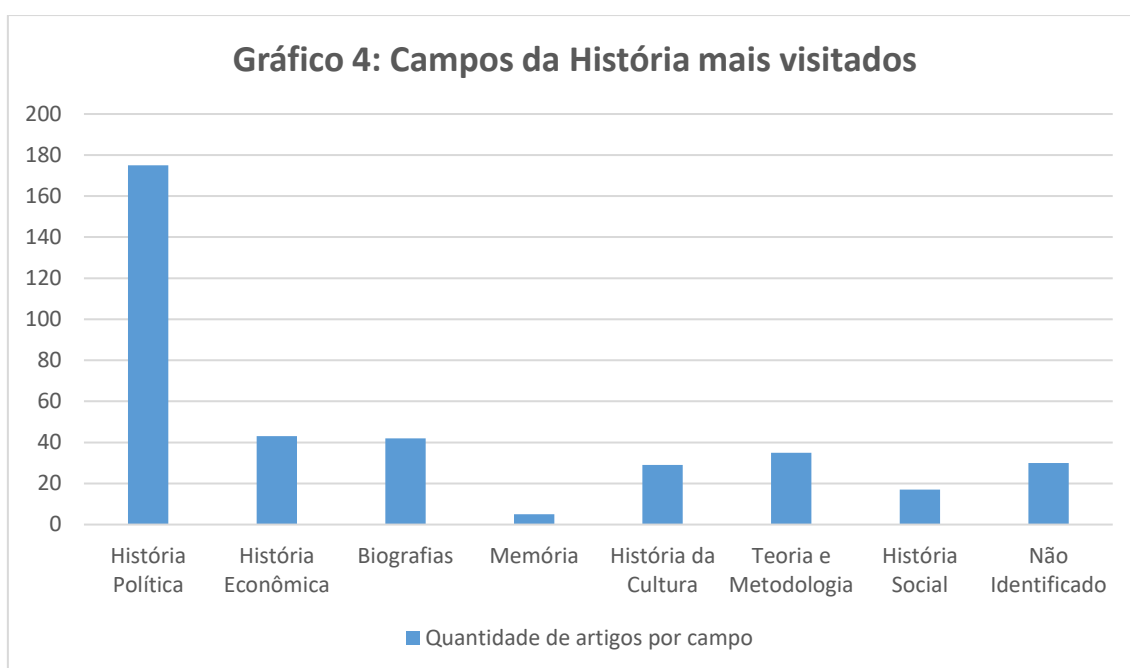
---

<sup>106</sup> NABUCO, Joaquim. *The Share of America in Civilization*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.01, 1909. Pp. 54-65.

<sup>107</sup> NABUCO, Joaquim. **The Place of Camões in Literature**. Washington: Cornell University Library. 1908.

Joaquim Nabuco é mencionada com uma breve passagem sobre a vida e as conquistas dele e um agradecimento em nome de todos os historiadores americanos:

Senhor Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, embaixador brasileiro nos Estados Unidos, morreu em Washington no dia 17 de janeiro, com 60 anos. [...] Senhor Nabuco foi um modelo de tudo aquilo que é erudito e cultivável, de nobre e vencedor caráter, e de grande devoção às causas públicas.<sup>108</sup>



No que diz respeito aos campos da História mais visitados, temos a História Política como expoente máximo correspondendo a 47% de todas as publicações. História Econômica e Biografias ficam virtualmente empatados com 11% cada, memória com apenas cinco publicações permanece com 1%, História da Cultura 8%, Teoria e Metodologia 9%, História Social 5% e os artigos que considerei como não identificados ficaram com 08% do total.

<sup>108</sup> Notes and News of The American Historical Association. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.03, 1910. Pp. 678. Tradução livre: "Senhor Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, Brazilian ambassador to the United States, died in Washington on January 17, at the age of sixty. [...] Senhor Nabuco was a model of all that is scholarly and cultivated, of noble and winning character, and of chivalrous devotion to public causes."

Entretanto, é preciso compreender que, como apontou Julio Bentivoglio<sup>109</sup>, é deveras difícil criar essa divisão nos campos da história, pois, ainda não havia uma visão clara na época dos seus domínios, destacando-se que até mesmo hoje não existe um consenso absoluto sobre essa divisão. Entretanto, para tornar possível o exercício de separar os artigos de acordo a um campo adequado que nos ajude a chegar a um resultado satisfatório, tomei a liberdade de separar os artigos de acordo com os critérios mais comuns utilizados para se definir o que seria uma História Política, Cultural, Social, etc. Como exemplos de uma história política podemos citar as obras de Anson D. Morse, *The Politics of John Adams*<sup>110</sup> e Charles Oscar Paullin, *President Lincoln and the Navy*<sup>111</sup>. Na História Econômica, o artigo *The financial Relation of the Knights Templars to the English Crow*<sup>112</sup> de Eleanor Ferris seria um excelente exemplo, dentre as biografias temos *Justin Winsor*<sup>113</sup> de Edward Channing que se concentrou na vida e obra de um dos fundadores da AHA. Dentre as 17 obras publicadas sobre História Social, podemos citar como exemplo o artigo de Harry A. Cushing intitulado *The People the Best Governors*<sup>114</sup> publicado no segundo número do primeiro volume da revista em 1896. Por fim, se tratando de artigos que considere como sendo da área de Teoria e Metodologia, a maioria havia aparecido nos *Presidential Adresses* como já dito anteriormente, alguns exemplos claros são os artigos de John W. Burgess, *Political Science and History*<sup>115</sup> e Henry Charles Lea, *Ethical Values in History*<sup>116</sup>.

Essa predominância de artigos sobre história política era um reflexo da própria formação da maioria dos historiadores norte-americanos e também do principal interesse deles nos estudos e envolvimento existentes em relação à história

---

<sup>109</sup> BENTIVOGLIO, Julio. **A Historische Zeitschrift e a historiografia alemã do século XIX**. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, No. 6. Março, 2011. Pp. 96.

<sup>110</sup> MORSE, Anson D. *The Politics of John Adams*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 04, n.02, 1899. Pp. 292-312.

<sup>111</sup> PAULLIN, Oscar. *President Lincoln and the Navy*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 14, n.02, 1909. Pp. 284-303.

<sup>112</sup> FERRIS, Eleanor. *The financial Relation of the Knights Templars to the English Crow*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 08, n.01, 1902. Pp. 1-17.

<sup>113</sup> CHANNING, Edward. *Justin Winsor*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 03, n.02, 1898. Pp. 197-202.

<sup>114</sup> CUSHING, Harry A. *The People the Best Governors*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 01, n.02, 1896. Pp. 284-287.

<sup>115</sup> BURGESS, John W. op. cit., Pp. 401-408.

<sup>116</sup> LEA, Henry C. *Ethical Values in History*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 09, n.02, 1904. Pp. 233-246.



política do seu país. É enorme o número de artigos nos quais se discute a situação política da época da Revolução Americana ou a atuação de presidentes ou governadores específicos no decorrer da história dos EUA. Esse tipo de publicação havia ganhado uma força particular na revista, pois, anteriormente à criação dela, como já dito no capítulo anterior, o governo americano mantinha um controle sobre as principais publicações dos membros da AHA, o que impedia por muitas vezes que um artigo de um teor mais crítico da política surgisse.



Sobre as áreas mais investigadas, temos História Moderna na liderança com 138 artigos, o que representa 36% de todas as publicações. Em segundo lugar aparecem os artigos sobre História Medieval com 76 (20%) publicações e em terceiro História do Século XIX com 63 (16%). O fato dessas três áreas serem as mais investigadas possui, na realidade, uma justificativa simples: uma clara preferência dos americanos sobre esses objetos de pesquisa, o que já era bem demonstrado pelas listas de teses e dissertações de mestrado e doutorado divulgadas nos EUA e, inclusive, publicadas na revista. Além disso, a influência europeia, a presença de um número maior de fontes primárias de confiança e o fato de a maioria dos trabalhos publicados ser sobre uma história dos EUA,

também é um indício claro do porquê ser apenas natural que mais artigos sobre História Moderna viessem a ocupar essa primeira posição.

O baixo número de publicações sobre História Antiga reflete uma aparente falta de interesse dos americanos na área, ou provavelmente indica a inexistência de pesquisadores com formação e experiência nesse campo. A primeira grande associação criada nos Estados Unidos dedicada exclusivamente ao estudo de História Antiga foi a *Association of Ancient Historians*, criada apenas em 1969, o que é uma data deveras tardia para uma área tão importante dos estudos históricos. Das dezesseis publicações da área na revista destaca-se a de Samuel Ball Platner, *The Credibility of Early Roman History*<sup>117</sup>. Platner era arqueólogo e publicou alguns artigos sobre a história de Roma na AHR e era mais conhecido pelos seus estudos sobre a topografia da antiga civilização romana. Outra área completamente ignorada foi a Pré-História, sendo que não temos nenhum artigo publicado sobre a mesma na revista nesses primeiros vinte anos. De fato, a primeira vez que a Pré-História sequer é mencionada na AHR é em uma resenha<sup>118</sup> publicada em 1916 sobre o livro *Men of the Old Stone Age: Their Environment, Life and Art* de Henry Fairfield Osborn. Como artigo autoral, a Pré-História só vai surgir no periódico em 1928, em uma publicação do historiador canadense George A. Barton intitulada *The Historical Results of Recent Exploration in Palestine and Iraq*<sup>119</sup> que discutia os resultados de diversas escavações que ocorreram a partir da década de 1920 no território da Palestina.

Foram publicados 35 artigos de Teoria e Metodologia (equivalente a 9% do total de publicações), um número razoável para um periódico que não era focado nesse tipo de trabalho. Esses artigos possuíam uma importância ímpar, pois geralmente eram os *Presidential Addresses* escritos pelos membros da AHA na última reunião antes da sua saída da posição de presidente, que era trocada todo ano. Isso tornava esses artigos bastante lidos, pois, além de ser

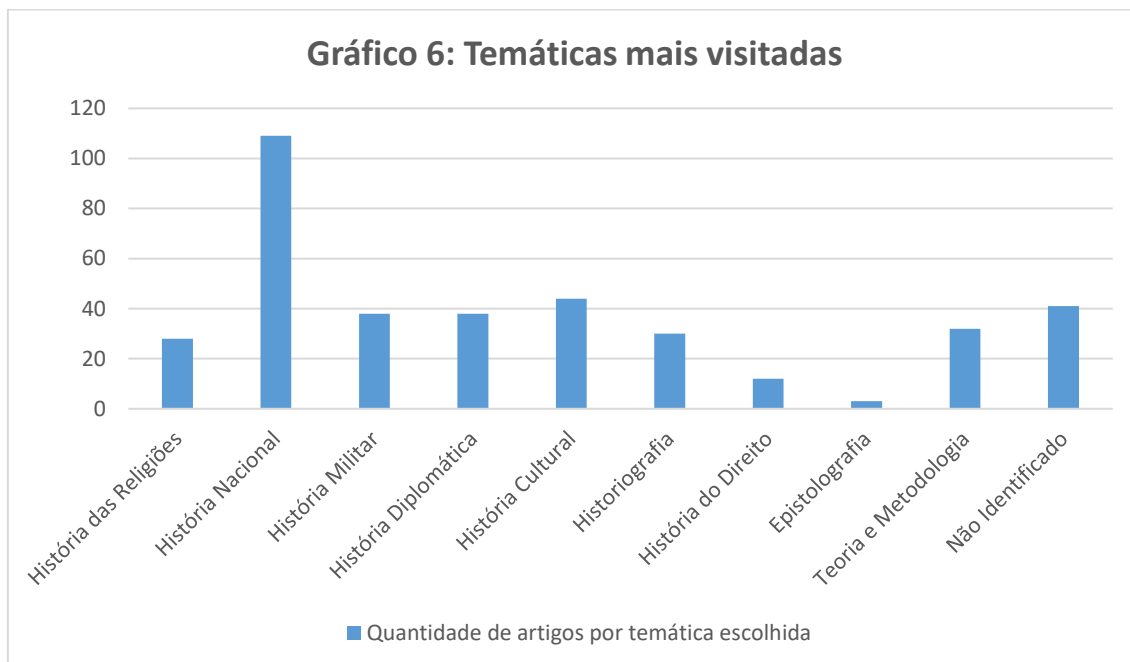
---

<sup>117</sup> PLATNER, Samuel Ball. *The Credibility of Early Roman History*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 07, n.02, 1902. Pp. 233-253.

<sup>118</sup> The American Historical Review, Resenha de: *Men of the Old Stone Age: Their Environment, Life and Art*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 21, n.03, 1916. Pp. 561-563.

<sup>119</sup> BARTON, George A. *The Historical Results of Recent Exploration in Palestine and Iraq*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 33, n.04, 1928. Pp. 759-783.

escritos por grandes historiadores da época<sup>120</sup>, demonstravam em palavras qual foi a principal preocupação do presidente da associação naquele ano.



Quanto às temáticas mais utilizadas, a divisão foi feita a partir dos principais temas que circundam os debates historiográficos ao redor do mundo. Os artigos que falavam sobre a história de um país, sua construção, seus fatos e personagens, foram classificados como sendo de uma História Nacional, o que como podem perceber pelo Gráfico 6, representam a maior parte da revista com 109 publicações. A maioria desses artigos tratavam de uma história dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, demonstrando as claras influências que a historiografia americana sofreu naquela época. Em segundo lugar temos os 44 artigos publicados sobre uma História da Cultura, que geralmente eram aqueles que tinham como fonte principal os países da América Latina e Ásia além de países nórdicos como a Noruega e Dinamarca.

Em terceiro temos um empate entre História Diplomática e História Militar com 38 artigos publicados cada. Esses tipos de temas em geral se confundem, mas

<sup>120</sup> Diversos grandes nomes da historiografia americana ocuparam a posição de presidente da *American Historical Association* nessa época, como exemplo podemos citar: James Ford Rhodes (1899), Henry Charles Lea (1903), J. Franklin Jameson (1907), Frederick Jackson Turner (1910), Theodore Roosevelt (1912) e Andrew C. McLaughlin (1914).

aparecem com frequência na revista usualmente discutindo batalhas relacionadas à Revolução Americana, como exemplo podemos citar o artigo *The Battle of Long Island*<sup>121</sup> de Charles Francis Adams, publicado em 1896. História das Religiões foi um tema frequente no início da revista, já que era impedido de ser publicado nos *Annual Reports*, como já discutimos anteriormente. Ao todo foram 28 publicações, o que configura quase que um empate técnico com os textos sobre Historiografia que somaram 30 publicações. Historiografia foi um tema bastante importante para a revista, pois, os artigos rapidamente se tornavam plataformas de debate sobre o tratamento de documentos, fontes e sobre como a história foi e deveria ser escrita e ensinada no nível superior e médio. Quanto à História do Direito, foram 12 artigos publicados. Eles geralmente discutiam leis e atos judiciais que tiveram grande impacto na história dos Estados Unidos. Como exemplo podemos citar o artigo de Max Farrand, *The Judiciary Act of 1801*<sup>122</sup> publicado em 1900.

O autor que mais publicou na revista, Charles H. Haskins foi o principal responsável pelas poucas (apenas três), mas importantes publicações de Epistolografia da AHR. Um exemplo é o artigo *The Life of Medieval Students as Illustrated by their Letters*<sup>123</sup> publicado no segundo número do terceiro volume da revista em janeiro de 1898.

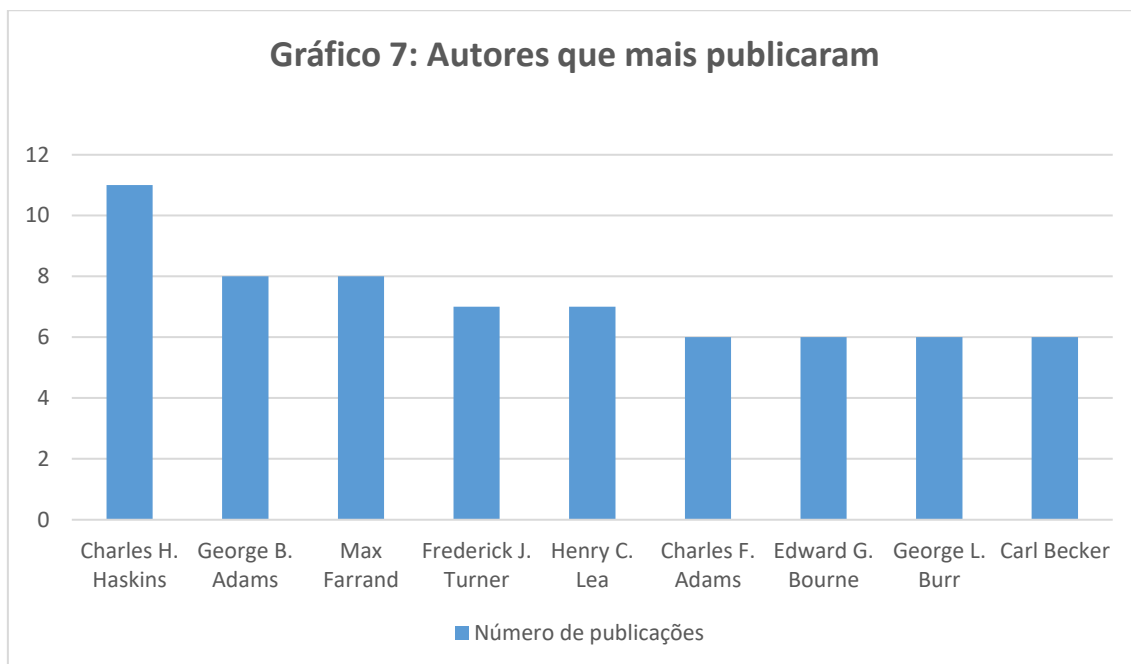
---

<sup>121</sup> ADAMS, Charles F. *The Battle of Long Island*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 01, n.04, 1896. Pp. 650-670.

<sup>122</sup> FARRAND, Max. *The Judiciary Act of 1801*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 05, n.04, 1900. Pp. 682-686.

<sup>123</sup> HASKINS, Charles H. *The Life of Medieval Students as Illustrated by their Letters*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 03, n.02, 1898. Pp. 203-229.

### Principais autores e suas publicações.



O caráter generalista da *American Historical Review* foi responsável por um fenômeno peculiar: ela possuiu um gigantesco número de autores para o período relativamente curto de vinte anos. Ao todo foram 221 autores diferentes para os 377 artigos publicados, o que significa que não era comum a presença de “figurinhas carimbadas” que dominavam a revista com dezenas de artigos autorais. Porém, ainda assim vale a pena destacar alguns dos nomes que foram mais frequentes na revista. No Gráfico7, podemos observar que Charles H. Haskins foi o autor que mais publicou na revista nesses vinte anos, com onze publicações. George Bethune Adams e Max Farrand aparecem logo atrás com oito artigos cada, seguidos de Frederick Jackson Turner e Henry Charles Lea com sete.

Haskins (1870-1937) foi o primeiro historiador americano a se especializar em História Medieval, tendo ficado famoso por lançar vários trabalhos sobre o tema. Já era fluente tanto em grego quanto em latim ainda quando era criança. Recebeu o seu PHD em História pela John Hopkins University e começou a lecionar na mesma antes dos 20 anos de idade, após isso foi para a Universidade de Wisconsin onde se tornou o titular da cadeira de História

Europeia. Por fim, em 1902 com 32 anos de idade, passou a lecionar na Universidade de Harvard onde permaneceu até a aposentadoria. Haskins, assim como a maioria dos historiadores da época, possuía um ativo envolvimento com a política, tendo se tornado um conselheiro próximo do presidente Woodrow Wilson. Dentre as suas principais obras, vale a pena citar *The Normans in European History*<sup>124</sup> e *The Rise of Universities*<sup>125</sup>, na revista publicou os poucos artigos de epistolografia existentes e fez várias contribuições sobre História Medieval, seu primeiro artigo publicado foi ainda em 1896<sup>126</sup> onde ele discutia sobre a importância dos arquivos do Vaticano para a historiografia de Roma e da Idade Média.

O interessante a se notar sobre George Bethune Adams (1845-1911) é que apesar de ter sido o segundo autor que mais publicou na AHR, ele não era historiador. Adams era advogado e Juiz Distrital, especializando-se na área de legislação marítima e naval, sendo que na revista publicou a maioria dos seus artigos sobre História do Direito. A presença de Adams como um dos autores a mais publicar na revista, é apenas mais um dos reforços da ideia de que a *American Historical Review* era uma revista bastante acolhedora que não se fechava para tipos de trabalhos específicos ou grupos intelectuais singulares, sequer exigindo formação na área de História. Esse modelo de trabalho pode ser um dos principais motivos para o rápido crescimento do periódico, tanto em importância quando em número de assinantes. O outro autor a publicar a mesma quantidade de artigos que Adams, Max Farrand (1896-1945), era historiador e especialista nos pais fundadores dos Estados Unidos e foi o primeiro diretor da estimada *Huntington Library* que até hoje é uma das maiores e mais famosas instituições sobre pesquisa e educação dos Estados Unidos, fundada em 1919.

Por fim, temos a presença de Henry Charles Lea (1828-1909) e Frederick Jackson Turner (1861-1932). Lea era especialista em Idade Média, principalmente em História da Igreja, tendo se tornado ao longo de sua carreira

---

<sup>124</sup> HASKINS, Charles H. **The Normans in European History**. Boston: Houghton, Mifflin Company, 1915.

<sup>125</sup> HASKINS, Charles H. **The Rise of Universities**. New York: Henry Holt and Company, 1923.

<sup>126</sup> HASKINS, Charles H. The Vatican Archives. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 02, n.01, 1896. Pp. 40-58.

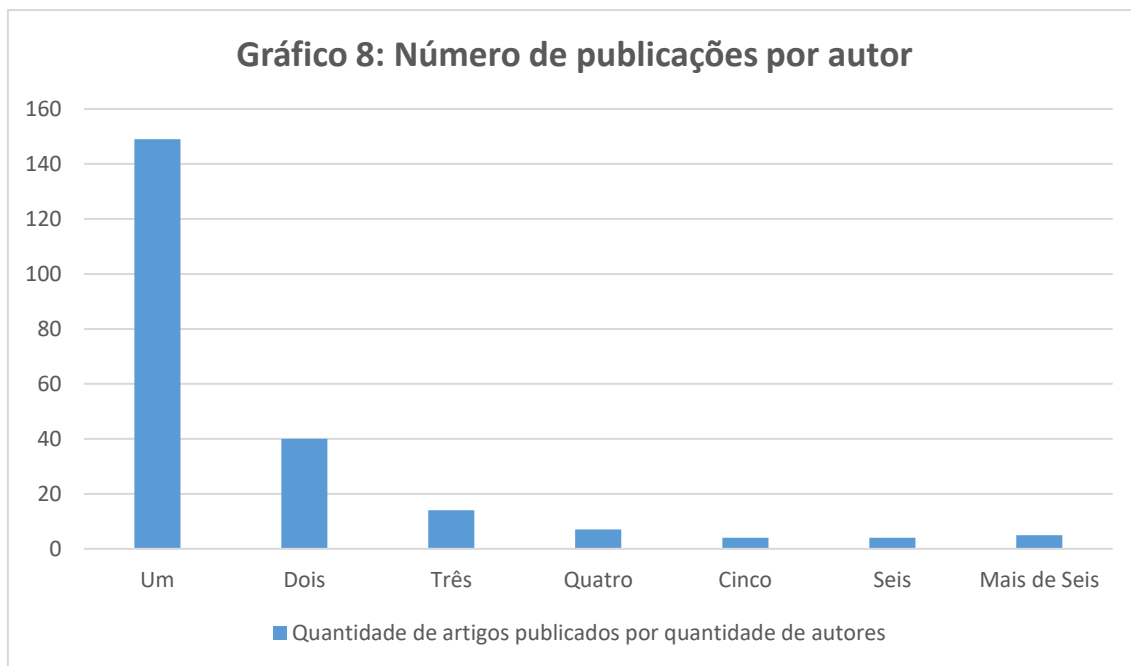
uma autoridade no que diz respeito aos estudos sobre a Inquisição Espanhola. Nunca chegou a lecionar, trabalhou durante a sua juventude com o pai na empresa da família, e posteriormente se dedicou apenas à escrita e a publicação de trabalhos históricos. Lea era um pesquisador dedicado e realizou diversas publicações ao longo de sua vida, tendo inclusive escrito diversos artigos para a *English Historical Review*. Até a sua morte, em 1909 era o autor que mais tinha publicado na AHR.

Frederick Jackson Turner merece uma atenção especial já que provavelmente foi o maior nome da historiografia americana nessa época. Até hoje o seu trabalho motiva e inspira diversos historiadores que o estudam de perto. Turner começou a lecionar na Universidade Estadual de Madison em 1890 e vinte anos depois assumiu cátedra na Universidade de Harvard. Ficou famoso pela sua *Frontier Thesis* defendida por ele em vários trabalhos, mas que ficou realmente conhecida a partir da apresentação do *paper The Significance of the Frontier in American History*<sup>127</sup> na reunião anual da *American Historical Association* em julho de 1893, dois anos antes da criação da AHR. De forma resumida, segundo a tese de Turner, a ideia de fronteira havia sido o grande motor do desenvolvimento social norte-americano e o principal motivo de sua excepcionalidade diante das outras nações da Terra.<sup>128</sup> Em 1910, já consagrado, Turner se tornou presidente da AHA e um dos editores da AHR onde publicou vários artigos.

---

<sup>127</sup> TURNER, Frederick Jackson. **The Significance of the Frontier in American History**. Artigo lido na reunião da *American Historical Association* em Chicago, 12 de julho de 1893.

<sup>128</sup> Para compreender melhor a tese da fronteira, recomendo a leitura de: AVILA, Artur L. **E da Fronteira veio um Pioneiro: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner (1861-1932)**. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acesso em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7112>.



Como podemos notar a partir da tabela 8, dos 221 autores que apareceram na revista, 147 (66%) publicaram apenas um artigo. Isso demonstra claramente que a *American Historical Review* presava pela variedade de publicações e autores dando oportunidade de publicar os seus trabalhos para todos aqueles que tinham a vontade e qualidade necessária. Um ponto interessante a se notar é que na gigantesca maioria dos números da AHR, sempre tinha a presença de autores inéditos, de fato a primeira vez que isso não aconteceu foi no terceiro número do sétimo volume da revista em 1902 e isso só viria a se repetir em 1911 no quarto número do décimo sexto volume. Ou seja, das oitenta revistas publicadas entre 1895 e 1915, apenas duas não traziam a presença de autores que nunca haviam publicado na revista antes. Talvez isso pudesse ter prejudicado um pouco a revista, que possivelmente se beneficiaria mais caso focasse as suas publicações apenas nos grandes nomes do campo, conseqüentemente chamando mais atenção do leitor, mas ao mesmo tempo essa generalização, facilidade de publicação e falta de foco nos grandes nomes da área, foram os aspectos essenciais para a grande circulação de trabalhos e pesquisas diferentes entre os leitores e autores da época.

Outro dado a se discutir é a presença de minorias na revista. A primeira mulher a publicar algum artigo autoral foi a já citada Eleanor Ferris, em 1902 com um



artigo de História Econômica sobre os templários ingleses. Também tivemos a presença de Emily P. Weaver<sup>129</sup> em 1904, que escreveu um artigo sobre a revolução americana. Emily era uma autora canadense e publicou tanto na *American Historical Review* quanto na *English Historical Review*. Outras mulheres que publicaram foram Annie Heloise Abel<sup>130</sup>, Violet Barbour<sup>131</sup> e Mary Patterson<sup>132</sup>.

O primeiro e aparentemente único<sup>133</sup> autor negro a aparecer na revista também foi o primeiro negro convidado a apresentar artigo na reunião anual da associação. Seu nome era William Edward Burghardt Du Bois e ele fora convidado pessoalmente por Jameson que na época era o editor chefe da revista. A sua apresentação na associação viria a ser publicada na AHR poucos meses depois em forma de artigo autoral com o título *Reconstruction and its Benefits*<sup>134</sup> que discutia a era da Reconstrução dos Estados Unidos. Segundo David Levering Lewis no livro *W.E.B. Du bois, 1868-1919: Biography of a Race*, que ganhou duas vezes o prêmio *Pulitzer* em 1994 e 2001 (pelas duas partes da obra), o artigo não foi muito bem aceito pela maioria esmagadora dos historiadores brancos da AHA, principalmente porque ia contra a interpretação mais aceita na época em relação à Reconstrução, que dizia que ela teria sido um desastre por conta da preguiça e inaptidão dos negros. Du Bois, em contrapartida, defende que o breve momento de liderança dos negros no sul dos EUA teria alcançado importantes objetivos como a democracia, as escolas públicas grátis e uma nova lei de bem-estar social<sup>135</sup>. A presença de Du Bois como o único negro a ter publicado nesses 20 anos iniciais da revista, a pesada crítica ao seu trabalho e a baixíssima presença de

<sup>129</sup> WEAVER, Emily. Nova Scotia and New England During the Revolution. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 10, n.01, 1904. Pp. 52-71.

<sup>130</sup> ABEL, Annie H. The Indians in the Civil War. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.02, 1910. Pp. 281-296.

<sup>131</sup> BARBOUR, Violet. Privateers and Pirates of the West Indies. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 16, n.03, 1911. Pp. 529-566.

<sup>132</sup> CLARKE, Mary Patterson. The Board of Trade at Work. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 17, n.01, 1911. Pp. 17-43.

<sup>133</sup> Tendo passado mais de cem anos da época em que estamos discutindo, é deveras difícil identificar com certeza absoluta todos os 221 autores que publicaram na AHR, mas a presença de Du Bois na associação e na revista foi tão memorável sobre os olhos de outros pesquisadores que é praticamente certo que ele fora o único negro a publicar na época.

<sup>134</sup> DU BOIS, W.E.B. Reconstruction and its Benefits. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.04, 1910. Pp. 781-799.

<sup>135</sup> LEWIS, David L. **W.E.B. Du Bois, 1868-1919: Biography of a Race**. Nova York, Henry Holt Company, 1994. Pp. 251.

artigos de história da África na AHR revelam um cenário preconceituoso e quiçá hostil aos negros, que ainda estava presente nos EUA naquela época. A Guerra de Secessão havia ocorrido a menos de 50 anos, e os conflitos relacionados à escravidão e a condição do negro na sociedade ainda eram motivo de enorme controvérsia.

Com esse mapeamento, pretendi mostrar como é possível realizar um estudo minucioso da historiografia de um determinado local e época a partir do seu periódico mais representativo. Ao analisar, nesta breve síntese todos os 377 artigos que foram publicados na AHR, conseguimos perceber o que os historiadores e intelectuais americanos estudavam, quais eram os temas que preferiam e o recorte temporal e espacial que mais eram alvos de suas análises. Além disso, a revista foi capaz de mostrar a relação entre os historiadores e sua comunicação dentro e fora do país, além de nos permitir perceber como as minorias eram tratadas naquela época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *American Historical Association* e a *American Historical Review* ainda ocupam hoje uma posição de destaque dentro da historiografia estadunidense. A Associação possui cerca de 15.000 membros pelos quais cerca de 70% são filiados a alguma universidade americana. Possui presença ativa nas decisões governamentais acerca do ensino de história tanto em nível básico e médio quanto em nível universitário. A AHA entrega mais de 40 prêmios<sup>136</sup> todo ano como forma de parabenizar os trabalhos que se destacaram na historiografia americana. Além da AHR, desde a década de 1960, financia um outro periódico, o *Perspectives on History* cujos temas principais são tecnologia, ensino de história, história na mídia, museus e arquivos.

A *American Historical Review* continua com o seu teor acolhedor aceitando todo tipo de trabalho desde que ele passe pelo alto nível de excelência exigido pelos editores. Até a década de 1990 permaneceu se auto publicando com o financiamento recebido da AHA, depois se juntou à *Organization of American Historians*, ao *Journal of American History* e à *University of Illinois Press* para criar o *History Cooperative*, uma cooperativa que permitiu a elaboração de uma plataforma digital para a publicação de todo o seu conteúdo. A partir de 2006 passou a publicar tanto em forma física quanto em forma digital.

Como nos diz Julio Benvivoglio,

Entre os diferentes instrumentos de institucionalização da História como um campo e uma atividade científica autônomos, o caminho editorial, especificamente voltado para os periódicos, revistas e jornais de História, ainda é uma seara pouco explorada pelos historiadores.<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> Alguns prêmios são bianuais, outros quinquenais. A lista de todos os prêmios entregados e como concorrer pode ser acessada no link: <https://www.historians.org/awards-and-grants/awards-and-prizes>

<sup>137</sup> BENTIVOGLIO, Julio. **A História no Brasil Imperial: A produção historiográfica na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839 – 1850)**. Curitiba: História: Questões & Debates, vol. 63, n. 2. p. 290.

Analisar a história de um periódico tão importante para a historiografia de seu país, como a AHR, nos revela muito sobre a história daquele próprio país. Minha intenção com essa dissertação foi mostrar ao leitor como realizar esse estudo, utilizando os primeiros vinte anos da *American Historical Review* como exemplo.

A partir da análise do mapeamento que foi feito no decorrer desta dissertação, podemos perceber as principais características da *American Historical Review*, que nos contam muito sobre o cenário historiográfico norte-americano no final do século XIX e início do XX. A revista nasceu para suprir uma necessidade de uma grande plataforma de publicação que conseguiria servir como forma de conectar os principais intelectuais e pesquisadores da época através de debates, sugestões, opiniões, e publicações que buscavam discutir diretamente a profissão do historiador e a então atual conjuntura histórica dos EUA. Além disso, a AHR serviu como uma opção para fugir de uma autocensura provocada por uma fiscalização imposta pelo governo americano após a incorporação da AHA pelo mesmo. A revista efetivamente foi capaz de gerar grandes influências tanto em âmbito político quanto educacional, sendo responsável por diretamente modificar como a História seria ensinada nas escolas e universidades, além de se tornar a principal vitrine de toda discussão e debate político que era feito na época. Os inúmeros e inestimáveis documentos que foram recuperados pela *American Historical Association* foram colocados à disposição de todos os pesquisadores através da revista.

A análise dos artigos autorais publicados pelos mais de 200 autores diferentes que publicaram nesses primeiros vinte anos de existência da revista foi capaz de mostrar claramente uma preferência pela escrita de uma História Moderna, em geral da Europa e Estados Unidos e que discutia com mais ênfase a História Política. Esse padrão encontrado na maioria dos artigos nos permite definir qual a fonte dos principais debates que ocorriam nos EUA entre 1895 e 1915, entretanto, as exceções também são capazes de nos revelar muito. A presença irrisória de mulheres e negros na revista, por exemplo, mostra-nos que o corpo de intelectuais da época era um claro reflexo de uma conjuntura norte-americana majoritariamente dominada pelo homem branco. Além disso, a baixa produção de artigos sobre História Antiga, História da Ásia, História da

América Latina, História da África, entre outras áreas que praticamente não apareceram, revelam uma historiografia que, apesar de poder ser considerada democrática no que diz respeito à grande quantidade de autores diferentes que publicaram na AHR, ainda permanecia presa a um número bem menor de temas, campos e recortes nos estudos publicados.

Acreditamos por fim, que se algo foi alcançado após a realização dessa dissertação é a certeza de que a revista de história é um objeto mais do que capaz de nos mostrar a conjuntura historiográfica de uma determinada época, revelando através do estudo de cada uma das seções e artigos publicados pelos muitos autores que surgiram, uma clara oportunidade de novas formas de análises para as pesquisas historiográficas. O estudo das revistas de história tem que ser realizado com cuidado, mas se feito com critérios explicitados de seleção e análise pode se mostrar mais uma importante ferramenta de estudo para a história da historiografia.

## REFERÊNCIAS

### Fontes impressas

**Annual Reports of the American Historical Association.** Washington: Government Printing Office. 1889. Acesso em: <https://archive.org/details/1889annualreport00ameruoft>.

**Papers of the American Historical Association**, 1 (New York, 1886). Acesso em: <https://archive.org/details/cu31924088428440>.

**THE AMERICAN HISTORICAL REVIEW.** Oxford University Press. Acesso em: <http://www.jstor.org/journal/amerhistrevi>.

### Obras de referência sobre a AHR e AHA

HASKELL, Thomas L. **The Emergence of Professional Social Science: The American Social Science Association and the Nineteenth-Century Crisis of Authority.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

HIGHAM, John. **History: professional scholarship in America.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.

JAMESON, J. Franklin. The American Historical Association. 1884-1909. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, No. 1, 1909.

LINK, Arthur S. The American Historical Association. 1884-1984: Retrospect and Prospect. In: **The American Historical Review**, Vol. 90, No. 1, fevereiro, 1985.

NOVICK, Peter. **That Noble Dream: The “Objectivity Question” and the American Historical Profession.** Nova York: Cambridge University Press, 2005.

STIEG, Margaret F. **The Origin and Development of Scholarly Historical Periodicals.** Alabama: The University of Alabama Press, 1986.

TOWNSEND, Robert B. **Hisory’s Babel: scholarship, professionalization and the historical enterprise in the United States, 1880-1940.** Chicago: The University of Chicago Press, 2013. Versão Kindle.

### **Demais referências bibliográficas**

ABEL, Annie H. The Indians in the Civil War. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.02, 1910.

ADAMS, Charles F. The Battle of Long Island. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 01, n.04, 1896.

ADAMS, Henry Baxter. **The Life and Writings of Jared Sparks**, 2 Vols. Houghton: Mifflin and Company, 1893.

ANDREWS, Charles M. These Forty Years. Chicago: **The American Historical Review**, Vol. 30, 1925.

AVILA, Artur L. **E da Fronteira veio um Pioneiro: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner (1861-1932)**. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acesso em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7112>.

AUSTIN, Aleine. **Matthew Lyon, "New Man" of the Democratic Revolution, 1749-1822**. University Park, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1981.

BALDWIN, James F. Concilium and Consilium. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 20, n.2, 1915.

BARBOUR, Violet. Privateers and Pirates of the West Indies. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 16, n.03, 1911.

BARTON, George A. The Historical Results of Recent Exploration in Palestine and Iraq. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 33, n.04, 1928.

BENTIVOGLIO, Julio. **A Historische Zeitschrift e a historiografia alemã do século XIX**. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, No. 6. Março, 2011.

BENTIVOGLIO, Julio. **Historical Reviews and the History of Historiography in the Nineteenth and Twentieth Centuries**. Ouro Preto: 2nd INTH Conference, 2016 (Comunicação Oral).

BENTIVOGLIO, Julio. **A História no Brasil Imperial: A produção historiográfica na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839 – 1850)**. Curitiba: História: Questões & Debates, vol. 63, n. 2. Pp. 287-315.

BLANCO, Richard L.; SANBORN, Paul J. **The American Revolution, 1775–1783: An Encyclopedia**. New York: Garland Publishing Inc. 1993.

BULLARD, Arthur. **The Diplomacy of the Great War**. New York: The Macmillan Company, 1916.

BURGESS, John W. Political Science and History. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 2, n.3, 1897.

BURLEIGH, Nina. **Stranger and the Statesman: James Smithson, John Quincy Adams, and the Making of America's Greatest Museum, The Smithsonian**. New York: Harper Collins, 2003.

BURR, George L. The search for the Venezuela-Guiana Boundary. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 04, n.03, 1899.

CARON, Pierre. A French Co-operative Historical Enterprise. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 13, 1908.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CHANNING, Edward. Justin Winsor. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 03, n.02, 1898.

CHENG, Eileen K. **The Plain and noble garb of truth: nationalism and impartiality in American historical writing, 1784-1860**. Georgia: The University of Georgia Press, 2008.

CLARKE, Mary Patterson. The Board of Trade at Work. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 17, n.01, 1911.

CRUNDER, Robert M. **Uma Breve História da Cultura Americana**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1994.

CUSHING, Harry A. The People the Best Governors. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 01, n.02, 1896.

DARNTON, Robert. **Censors at Work: How States Shaped Literature**. New York: W.W. Norton & Company, 2014.

DONALDSON, Peter. **Remembering the South African War: Britain and the Memory of the Anglo-Boer War; from 1899 to the present**. Liverpool University Press, 2013.

DU BOIS, W.E.B. Reconstruction and its Benefits. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.04, 1910.

FARRAND, Max. The Judiciary Act of 1801. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 05, n.04, 1900.

FAY, Sydney B. The Kaiser's Secret Negotiations with the Ksar, 1904-1905. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 24, n.01, 1918.



FERRIS, Eleanor. The financial Relation of the Knights Templars to the English Crow. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 08, n.01, 1902.

FONER, Eric. **Give Me Liberty! An American History**. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

GOOCH, George P. **History and Historian in the Nineteenth Century**. New York: Longmans, Green, 1913.

HASKINS, Charles H. The International Historical Congress at Berlim. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 14, n.01, 1908.

HASKINS, Charles H. The Life of Medieval Students as Illustrated by their Letters. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 03, n.02, 1898.

HASKINS, Charles H. **The Normans in European History**. Boston: Houghton, Mifflin Company, 1915.

HASKINS, Charles H. The Vatican Archives. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 02, n.01, 1896.

HAWORTH, Paul L. Frederick the Great and the American Revolution. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 09, n.03, 1904.

HERBST, Jurgen. **The German Historical School in American Scholarship: A Study in the Transfer of Culture**. Ithica, New York: Cornell University Press, 1965.

HOLT, W. Stull. **Historical Scholarship in the United States, 1876-1901**. Seattle: University of Washington, 1938.

HOWE, M. A. De Wolfe; STRIPPEL, Henry C. **Life and Letters of George Bancroft**, 2 Vols. New York: Scribner's Sons, 1908.

HUMPHREYS, R. A. "**Anglo-American Rivalries and the Venezuela Crisis of 1895**". Presidential Address to the Royal Historical Society. Dezembro: 1966.

HUNTINGTON, Ellsworth. Changes of Climate and History. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.2, 1913.

IGGERS, George. **The Image of Ranke in American and German Historical Thought**. *History and Theory* 2 (1):17-40 (1963).

JAMESON, J. Franklin. Annual Reports of the American Historical Association (1895-1899). Chicago: University of Chicago Press. **The American Historical Review**.

JAMESON, J. Franklin. "What Is History?" In: **The History Teacher's Magazine 2**: december, 1910. p. 79. Letter of 31 october 1910, in Donnan and Stock, *An Historian's World*, 13.

JAMESON, John F. *The American Historical Review*, 1895-1920. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 26, n.1, 1920.

JAMESON, John F. *The International Congress of Historical Studies, Held at London*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.04, 1913.

JAMESON, J. F. *Historical Scholars in War-Time*. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 22, n.04, 1917.

KRIEGER, Leonard. **Ranke: The Meaning of History**. Chicago, 1977.

KLEIN, Kerwin Lee. **Frontiers of Historical Imagination: Narrating the European Conquest of Native America, 1890-1990**. University of California Press, 1997.

LELAND, Waldo G. *The National Archives: A Programme*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.01, 1912.

LELAND, Waldo G. **John Franklin Jameson**. Artigo lido nos National Archives em 28 de dezembro, 1955. Acesso em: <http://americanarchivist.org/doi/pdf/10.17723/aarc.19.3.007767111482qu14?code=same-site>.

LEA, Henry Charles. *Acta Capitular del Cabildo de Sevilla*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 1, No. 2 1896.

LEA, Henry C. *Ethical Values in History*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 09, n.02, 1904.

LEWIS, David L. **W.E.B. Du Bois, 1868-1919: Biography of a Race**. Nova York, Henry Holt Company, 1994.

LOPES, Hober Alves. **A Formação do campo filosófico e histórico no final do século XIX e a historiografia filosófica: Mind Review (1883-1922)**. Goiânia, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS, Universidade Federal de Goiás.

MATTESON, David Maydole. *General Index to Volumes I – X: 1895 – 1905*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 10, 1905.

McCARTHY, Charles; DONNAN, Elizabeth. "**Charles Mccarthy to J. Franklin Jameson**". *The Wisconsin Magazine of History* 33.1 (1949).

- McCULLOUGH, David. **John Adams**. New York: Simon & Schuster, 2001.
- MORSE, Andosn D. The Politics of John Adams. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 04, n.02, 1899.
- NABUCO, Joaquim. The Share of America in Civilization. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.01, 1909.
- NABUCO, Joaquim. **The Place of Camões in Literature**. Washington: Cornell University Library. 1908.
- Notes and News of The American Historical Association. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 15, n.03, 1910.
- OFFICER, A British. The Literature of the South-African War, 1899-1902. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 12, n.02, 1907.
- OFFICER, A British. The Literature of the Russo-Japanese War, I. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 16, n.03, 1911.
- OXFORD UNIVERSITY PRESS on behalf of the American Historical Association. List of Doctoral Dissertations. In: **The American Historical Review**, Vol. 19, No. 2, Janeiro de 1914.
- PALMER, R. R. The American Historical Association in 1970. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 76, n.01, 1971.
- PAULLIN, Oscar. President Lincoln and the Navy. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 14, n.02, 1909.
- PLATNER, Samuel Ball. The Credibility of Early Roman History. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 07, n.02, 1902.
- PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- ROBERTSON, William S. The United States and Spain in 1822. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 20, n.04, 1915.
- ROCKHILL, William Woodville. Diplomatic Missions to the Court of China: The Kotow Question. Oxford University Press: **The American Historical Review**, VOL. 2, n.3, 1897.
- ROOSEVELT, Theodore. History as Literature. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 18, n.03, 1913.
- SLOANE, William M. History and Democracy. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 01, n.1, 1895.

TAYLOR, John R. M. *The History of the War of 1917*. Oxford University Press: University of Chicago Press. **The American Historical Review**, Vol. 24, n.04, 1919.

THE AMERICAN HISTORICAL REVIEW, Resenha de: Men of the Old Stone Age: Their Environment, Life and Art. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 21, n.03, 1916

TURNER, Frederick Jackson. **O Significado da História**. In: AVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861 - 1932)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006.

TURNER, Frederick Jackson. **The Significance of the Frontier in American History**. Artigo lido na reunião da *American Historical Association* em Chicago, 12 de julho de 1893. Acesso da versão digital em: <http://nationalhumanitiescenter.org/pds/gilded/empire/text1/turner.pdf>.

TYRRELL, Ian R. **Historians in public: the practice of American history, 1890-1970**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

WEAVER, Emily. *Nova Scotia and New England During the Revolution*. Oxford University Press: **The American Historical Review**, Vol. 10, n.01, 1904.

ZOLA, Emile. **The Experimental Novel**. New York, 1894.